

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO**

**SATISFAÇÃO E RESPONSABILIDADE: O ENVOLVIMENTO DO PAI NA
GRAVIDEZ DURANTE A TRANSIÇÃO PARA A PARENTALIDADE**

**FLORIANÓPOLIS
2006**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

GRACE ANDREANI

**SATISFAÇÃO E RESPONSABILIDADE: O ENVOLVIMENTO DO PAI NA
GRAVIDEZ DURANTE A TRANSIÇÃO PARA A PARENTALIDADE**

**Dissertação apresentada como requisito
parcial à obtenção do grau de Mestre em
Psicologia, Programa de Pós-Graduação
em Psicologia, Curso de Mestrado,
Centro de Filosofia e Ciências Humanas.**

**Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria
Aparecida Crepaldi**

**FLORIANÓPOLIS
2006**

TERMO DE APROVAÇÃO

GRACE ANDREANI

SATISFAÇÃO E RESPONSABILIDADE: O ENVOLVIMENTO DO PAI NA
GRAVIDEZ DURANTE A TRANSIÇÃO PARA A PARENTALIDADE

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Curso de Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Crepaldi
Departamento de Psicologia, UFSC

Prof.^a Dr.^a Maria Ângela Mattar Yunes
Departamento de Educação e Ciências do
Comportamento, FURG

Prof. Dr. Mauro Luís Vieira
Departamento de Psicologia, UFSC

Florianópolis, 15 de março de 2006

Aos meus pais, Ani e Iunes,
pela confiança, incentivo e encorajamento.
Ao Tiago, meu noivo, que me acolheu
e amparou no decorrer de todo este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por oferecer oportunidades que me possibilitassem desenvolver este trabalho.

À minha orientadora professora Dra. Maria Aparecida Crepaldi, pelo incentivo, confiança, e pelo compartilhar de grande conhecimento. Agradeço a paciência, o carinho, o acolhimento e a oportunidade de aprimoramento profissional.

À Pamela, minha irmã, pela ajuda e pelo descontraimento nas horas de cansaço e angústia.

À Patrícia Trichês, pessoa com quem pude partilhar muitos momentos bons e também difíceis. Uma colega que se tornou uma grande amiga.

À Michelli Rabuske e Cibele Motta, agradeço a grande ajuda de vocês, sem a qual este trabalho não se daria nesses moldes.

À Vanessa Cardoso, amiga que acompanhou e vivenciou as mesmas dúvidas, alegrias e tristezas durante o mestrado. Obrigado pela escuta e apoio.

Ao Alex e Ana, amigos e auxiliares deste trabalho.

A todos os homens que se propuseram participar deste trabalho, pela disponibilidade e pelo confiança que a mim depositaram.

SUMÁRIO

RESUMO	VIII
ABSTRACT	IX
1 SATISFAÇÃO E RESPONSABILIDADE: O ENVOLVIMENTO DO PAI NA GRAVIDEZ DURANTE A TRANSIÇÃO PARA A PARENTALIDADE.....	1
1.1 Objetivos	6
1.1.1 Objetivo Geral	6
1.1.2 Objetivos específicos	6
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	7
2.1. A teoria bioecológica do desenvolvimento humano	7
2.2 A transição para a parentalidade	11
2.3 A gravidez e suas implicações para o pai.....	19
2.4 Cuidado paterno	25
3 MÉTODO	31
3.1 Caracterização da pesquisa	31
3.1.1 Participantes	32
3.1.2 Local.....	35
3.1.3 Procedimento.....	35
3.1.4 Cuidados éticos	36
3.2 Instrumentos de coleta dos dados.....	36
3.2.1 Entrevista.....	37
3.2.2 Escala ABIPEME.....	38
3.3 Análise dos dados.....	39
3.3.1 Cálculo de acordo.....	40
4 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS	41
4.1 Núcleo temático 1: Planejamento da gravidez	42
4.2 Núcleo temático 2: Mudanças trazidas pela gravidez	44
4.3 Núcleo temático 3: Família de origem	50
4.4 Núcleo temático 4: Dúvidas durante a gravidez	54
4.5 Núcleo temático 5: Participação do pai.....	56
4.6 Núcleo temático 6: Sentimentos e representações	63
5 DISCUSSÃO	69
5.1 Planejamento da gravidez	70
5.2 Mudanças trazidas pela gravidez	70
5.3 Família de origem	74
5.4 Dúvidas sobre a gravidez	75
5.5 Participação de pai	76
5.6 Representação e sentimentos da paternidade	77
6 CONCLUSÕES	81
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS	85
LISTA DE FIGURAS	94

LISTA DETABELAS	95
APÊNDICE A	96
APÊNDICE B	98
APÊNDICE C	100
APÊNDICE D	101
APÊNDICE E	104

Satisfação e Responsabilidade: o envolvimento do pai na gravidez durante a transição para a parentalidade. Florianópolis, 2006. 100 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Crepaldi

Defesa: 15 de março de 2006

RESUMO

A transição para a parentalidade é composta por fatores complexos que recebem influências do contexto no qual a pessoa está circunscrita, das relações que estabelece com as outras pessoas e com o ambiente e dos modelos de paternidade com os quais se relaciona. Esta pesquisa tem como objetivo investigar como o homem que se tornará pai caracteriza o seu envolvimento na gravidez da companheira. Para tanto foi utilizada a teoria sedimentada na bioecologia do desenvolvimento, aliada à perspectiva sistêmica do desenvolvimento familiar. A pesquisa caracteriza-se como quali-quantitativa de caráter descritivo e teve como participantes 20 homens que acompanhavam a gravidez de seu primeiro filho. Utilizou-se de entrevista semi-estruturada e de uma escala de avaliação do ambiente sócio-econômico (ABIPEME). A análise dos dados foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo do tipo categorial-temática. Foram construídos seis núcleos temáticos e 28 categorias que refletiam as questões concernentes à transição ecológica vivida pelos participantes. As categorias foram testadas por dois juízes *experts* através do cálculo de acordo. Dentre os núcleos temáticos destacaram-se: planejamento da gravidez, mudanças trazidas pela gravidez, família de origem, dúvidas durante a gravidez, participação do pai e sentimentos e representações de pai. Concluiu-se que ocorrem diversas mudanças na vida do homem, principalmente na sua relação conjugal e nas prioridades de vida. A paternidade é representada como positiva, mas traz responsabilidade. Ainda assim, a maioria dos participantes referiu sentir-se preparada para desempenhar esta tarefa desenvolvimental.

Palavras-chave: paternidade; desenvolvimento familiar; bioecologia do desenvolvimento humano

Satisfaction and Responsibility: the father's involvement in pregnancy during the transition to fatherhood. Florianópolis, 2006. 100 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Crepaldi

Defesa: 15 de março de 2006

ABSTRACT

The transition to parenthood has complex factors which are influenced by context the father belongs to, by his relationships with other people and environment, and by his fatherhood models. The main aim of the present study was to examine the expectant father's involvement in his partner's pregnancy. The theoretical foundations are rooted in the eco-systemic theory and the family systems theory approach. The research is quali-quantitative with descriptive nature. The sample was composed of twenty adult men expecting the first child. Semi-structured interviews were held with the prospective fathers, using a socioeconomic environment assessment scale (ABIPEME). The data analysis was carried out through qualitative and quantitative content analysis, with a categorial-thematic method. Six thematic nuclei and twenty eight categories related to fathers' ecological transitions were built. The categories were endorsed by two expert referees. The thematic nuclei were: pregnancy planning, changes brought by the pregnancy, original family, doubts on pregnancy, father's participation, and paternal figure feelings and representations. The study registered several changes in the prospective fathers' life, mainly in their matrimonial relationships and life priorities. The paternity is represented as positive, but the fathers-to-be recognize that it brings responsibility. Nevertheless, most of the participants referred to feel prepared to carry out this developmental task.

Keywords: paternity, pregnancy, family development, bioecology of human development

1 SATISFAÇÃO E RESPONSABILIDADE: O ENVOLVIMENTO DO PAI NA GRAVIDEZ DURANTE A TRANSIÇÃO PARA A PARENTALIDADE

As transformações socioculturais estão cada vez mais aceleradas ocasionando expressivas implicações e mudanças na vida das pessoas. Um homem mais atuante na esfera familiar, sobretudo no âmbito da paternidade, é um tema que tem ocupado sobremaneira o debate nas ciências sociais na atualidade, considerando as diversas áreas do conhecimento. Dentro da ciência psicológica, podem-se destacar estudos na psicologia social, da saúde e do desenvolvimento, além dos estudos de gênero que mantêm uma estreita interação com a antropologia.

Nas décadas de sessenta e setenta, os estudos sobre o desenvolvimento psicológico praticamente excluía o pai, responsabilizando a mãe pelo sucesso ou fracasso do desenvolvimento dos filhos (Rodrigues & Trindade, 1999). Para Menezes (2001), questões como estas são explicadas pelo fato de que, até os anos cinquenta, o pai era o provedor e modelo profissional da família. O homem passa a compartilhar a responsabilidade financeira com as mulheres em consequência das transformações ideológicas e econômicas dos anos setenta, com a “grande depressão”, o surgimento dos pais pobres, os movimentos feministas e a inserção das mulheres no mercado de trabalho (Amato, 1998). A partir de então, os cientistas sociais retratam o pai como modelo sexual e se preocupam com os “insucessos” de muitos homens como exemplo de masculinidade para seus filhos (Lamb, 1996; Pleck, 1996).

Surgem, portanto, expectativas frente ao papel assumido pelos homens, na medida em que se espera uma nova postura dos mesmos dentro da família (Bronstein, 1988). Mackey (1996) ressalta os estudos que reconhecem a importância do pai para o desenvolvimento e afirma que embora datem da década de setenta, é apenas nos anos noventa que a relação pai-filho é de fato observada.

Do mesmo modo se adverte sobre o direcionamento dos estudos de gênero para o campo das masculinidades, das novas tecnologias reprodutivas, dos casais

homossexuais e dos direitos sexuais e reprodutivos (Grossi, Porto, & Tamanini, 2003). Sabe-se também do esforço de inúmeros pesquisadores em focar o funcionamento da parentalidade nas camadas populares. Contudo, optou-se neste trabalho, preponderantemente pelo estudo do pai de camadas médias urbanas, utilizando-se de literatura que aborde as questões de uma sociedade ocidental e industrializada, mais especificamente. Assim, tratar-se-á do pai, que vive com sua companheira, em união legal ou consensual, configurando-se um modelo de casal pertencente ao modelo de família considerado tradicional.

A família tradicional aqui referida diz respeito àquela patriarcal, de origem ibérica e a qual Neder (2000) define como “nova família” cujo padrão de organização é o da família nuclear moderna, dita burguesa, que adotava um conservadorismo moralista. Este modelo também retrata a mulher educada para o papel de mãe ao mesmo tempo em que o homem é provedor. Mesmo com as transformações decorrentes do século XXI, o delineamento familiar de forma geral, ainda se refere a este padrão, ainda que seja de forma idealizada no imaginário da população.

Este trabalho também se insere no campo de promoção à saúde, um dos compromissos fundamentais da psicologia, que a partir da década de oitenta, direciona-se para a compreensão do ser humano como bio-psico-social, considerando sua trajetória de saúde como um fenômeno complexo e interdisciplinar. A promoção à saúde é definida por Czeresnia e Freitas (2003) como o produto de múltiplos fatores relacionados com a qualidade de vida e que tem como um de seus campos de atuação, a criação de ambientes favoráveis. A importância da atenção primária é entendida como um meio para elevar a qualidade de vida das pessoas, influenciando sua motivação e comportamentos (Calatayud, 1991).

Para Czeresnia e Freitas (2003) a atenção primária refere-se ao empenho pela modificação das condições de vida a fim de torná-las adequadas. Para tanto é necessário um conjunto de estratégias de ação em saúde. Dessa forma, promover saúde se afasta da visão bipolar saúde-doença e passa a ter uma definição mais ampla de bem estar físico, social e mental, nos diversos sistemas em que os indivíduos se inserem.

A transição para a parentalidade, período que compreende desde a concepção até aproximadamente dezoito meses de vida da criança, pode ser considerada como um dos eventos no qual medidas de promoção de saúde podem se inserir focando o bem-

estar da mãe, do pai, da criança e principalmente da família como um todo (Bradt, 1995). Estudos comportamentais (Klaus & Kennel, 1995; Brazelton, 1988), psicanalíticos (Videla, Raphael-Leff, 1997) e sistêmicos (Carter & McGoldrick, 1995; Cerveny, Berthoud, & Cols (1997) dentre outros, se atêm ao assunto, demonstrando as transformações psicológicas, as oportunidades de crescimento e os riscos acarretados por citada transição.

Apesar da necessidade de se utilizar em alguns momentos das contribuições de todos os autores acima citados, este trabalho tem como base teórica a abordagem bioecológica do desenvolvimento (Bronfenbrenner, 2002) e a teoria do desenvolvimento familiar (Cowan, 1988; Minuchin, 1982), para compreender o que ocorre durante a gravidez e o nascimento do primeiro filho, como momento fundamental do ciclo vital. Segundo a teoria do desenvolvimento familiar, a transição para a parentalidade se trata de um período que acarreta estresse já que suscita crises individuais e conjugais envolvendo mudanças biológicas, psicológicas e sociais para a família (Bradt, 1995).

De acordo com Castoldi (2002), há uma lacuna teórica no que se refere aos primeiros anos da vida familiar e a participação do pai, embora exista um consenso entre autores como Bradt (1995), Carter e McGoldrick (1995), Cerveny *et al.* (1997), de que o nascimento de um filho é a etapa mais desafiadora e transformadora no grupo familiar. Brazelton (1988) assinala a importância de se atentar para a falta de atenção ao pai neste momento, na medida em que enquanto a mãe é o centro das atenções e está concentrada no bebê, o pai pode se sentir rejeitado ou enciumado.

Castoldi (2002) lembra que a literatura sobre o tema da paternidade encontra-se em expansão nas últimas décadas, tanto no âmbito nacional como internacional. Através de levantamento realizado por Lewis e Dessen (1999), no sistema PsycInfo em periódicos publicados na área da psicologia na língua inglesa, os assuntos dedicados à paternidade correspondem a um terço da literatura sobre maternidade. Esta literatura varia bastante quanto ao aspecto focado dentro do tema paternidade, quanto à metodologia (qualitativa ou quantitativa, longitudinal ou transversal) e quanto à abordagem teórica utilizada (psicanalítica, sistêmica, comportamental, etc.).

A partir das últimas três décadas, a produção a respeito da paternidade é intensificada, principalmente com Michel Lamb na década de setenta, mas também com Pleck (1996), Lewis (1999, 2000), Anderson, Kaplan, & Lancaster (1999), os

quais procuram investigar as influências da participação do pai no desenvolvimento infantil, a experiência da paternidade para esses homens e as diferenças e semelhanças no cuidado em comparação com a mãe, sempre considerando os primeiros anos de vida da criança. Outros estudos como o de Marks e Simon (1995) demonstraram a interferência do parto sobre a saúde mental do homem e o relacionamento do casal. Anderson (1996) se ateu a forte influência exercida pela mãe no processo de inclusão ou exclusão do pai no relacionamento com o filho.

No Brasil, pode-se citar Dessen (1997) que procura investigar como os homens vivenciam sua paternidade, e também os estudos de gênero e gravidez na adolescência (Trindade & Menandro, 2002; Siqueira, Mendes, Guedes, Finkler, & Gonçalves, 2002; Lyra, 1997), dentre outros.

Comparando-se a produção em relação ao apego pai-criança e a função do pai no cuidado infantil, poucos estudos tratam especificamente do momento da gravidez para o pai. Brazelton (1988) e Klaus e Kennel (1993) assinalam a importância de se estudar o pai no momento da gravidez, mas não realizam pesquisas pontuais a esse respeito.

Uma pesquisa sobre o tema gravidez e pai foi realizada em bancos de dados (Lilacs, Scielo, Medline) entre os anos de 1999 e 2004. Alguns artigos encontrados sobre a transição para a parentalidade foram: Barclay e Lupton (1999); Benvenuto, Marchetti, Niccheri, e Pazzagli (1995); Buist, Morse, e Durkin (2003); Draper (2002); Gage e Kirk (2002); Henwood e Procte (2003); Levi-Shiff e Israelasvilli (1988); Steinberg, Kruckman, e Steinberg (2000); Lewis e Owen (1995); Eagle e Breaux (1998); Silvertein e Auerbach (1999); Lamb (1996); Pleck (1996). Quase todas as pesquisas que tratam do tema são internacionais e referem-se a estudos longitudinais, que avaliam os efeitos da transição para a parentalidade desde o último trimestre de gravidez até os dezoito meses de vida da criança.

No Brasil ressaltam-se os trabalhos de Menezes (2001), Castoldi (2002), Corrêa (2001), Rapaport (2003), Bolli (2002), Unbehau (2000), e excetuando-se este último, todos são também estudos longitudinais. Portanto pode-se afirmar que nos bancos de dados pesquisados há poucos estudos que abordem especificamente a gravidez e o pai. Acredita-se que essa lacuna se dá, dentre outras razões, porque a gravidez se trata apenas de uma parte de um momento mais amplo do ciclo vital que é a transição para a parentalidade. Em consonância, Menezes (2001) afirma que a

maternidade tem sido estudada em maior escala em comparação com os estudos de paternidade e é comum a preponderância da idéia de que o pai é participante da relação com o bebê, a qual é estabelecida principalmente e impreterivelmente com a mãe.

Os trabalhos que levam em consideração a figura do pai detêm sua valorização no pai enquanto rede de apoio emocional à mãe durante a gravidez, como facilitador do parto e de cuidado pós-parto e suas contribuições na facilitação da amamentação (Ekstrom, Widstrom, & Nissen, 2003). Entretanto, sua relevância também se inscreve em seu papel como cuidador já que a presença do pai traz benefícios para o desenvolvimento da criança conforme Lamb (1996) e Pleck (1996). Para tanto é preciso informar o pai da sua importância a fim de que possa melhor se engajar nesse momento (Brazelton, 1988). A atenção à saúde deste pai, também é essencial, visto constatar-se o risco de distúrbios emocionais como depressão, *blues* e até, mesmo psicose, com o advento da paternidade (Cowan, 1991; Raphael-Leff, 1997; Benvenuti & cols., 1995).

O interesse no tema da paternidade deve-se a participação da pesquisadora em um curso de Atualização em Psicologia da Gravidez, Parto e Puerpério, durante todo o ano de 2002. Este curso abordou vivências preponderantemente femininas e traziam a figura do pai como um coadjuvante, tanto no processo de gravidez quanto na formação do apego e estudos de cuidado. Aliado a isto, dúvidas freqüentes surgiam tanto nos encontros de gestantes, quanto nos cursos e congressos. Onde está o pai? Quais são os sentimentos do “pai grávido”? Quais são os conflitos da figura paterna enquanto a barriga da mãe cresce, os enjôos surgem, e a mãe é absorvida pela maternidade?

Assim, tornou-se pregnante o interesse em investigar a participação do pai a partir do seu próprio olhar, num momento específico do ciclo vital, que se refere às experiências decorrentes do período da gravidez. Steinberg, Kruckman, e Steinberg (2000) afirmam que os pesquisadores raramente têm pesquisado este fenômeno sob o prisma do próprio pai.

Portanto, nesta pesquisa pretende-se investigar: **como o pai caracteriza o seu envolvimento na gravidez durante a transição para parentalidade.**

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral

Investigar como o homem que se tornará pai caracteriza o seu envolvimento na gravidez de sua companheira.

1.1.2 Objetivos específicos

1. Caracterizar as mudanças físicas, psicológicas ou sociais do pai que ocorrem nesse período.
2. Identificar os sentimentos do pai na vivência da gravidez.
3. Caracterizar as mudanças observadas na relação com a companheira provenientes da situação da gravidez.
4. Identificar as ações que o pai desenvolve relacionadas ao seu novo papel.
5. Identificar as representações que o homem possui sobre paternidade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. A teoria bioecológica do desenvolvimento humano

Durante a gravidez, diversas influências incidirão sobre o homem que se tornará pai. Estas influências são provenientes dos contextos onde ele se encontra, das mudanças que está vivendo, de suas expectativas em relação a estas mudanças, dos modelos de paternidade com os quais tem se relacionado ao longo dos anos de vida, tanto nas suas relações mais próximas quanto na sua cultura; e do significado que dá ao seu relacionamento com sua companheira.

A forma segundo a qual dar-se-á a relação pai-criança e o envolvimento do pai¹ na gestação do filho dependerá, portanto, destas características contextuais das quais este adulto é parte. Nesse contexto, a abordagem bioecológica do desenvolvimento humano propicia um amplo entendimento, na medida em que considera a influência de diversos ambientes no desenvolvimento humano e também a crescente complexidade das relações.

Para esta teoria, o desenvolvimento humano é o resultado duradouro da forma como a pessoa lida com o ambiente onde está inserida. Nesse âmbito, o estudo do desenvolvimento não se atém aos processos tradicionais de fases ou etapas, nem tampouco dos mecanismos neurológicos, embora seja tratada como uma ciência desenvolvimental. A teoria bioecológica aborda a forma como os estímulos são percebidos, conhecidos, e suas variações em função do ambiente ao qual os sujeitos foram expostos e interagiram. Assim, a capacidade de remodelar a realidade de acordo com as vontades e necessidades humanas será a expressão do desenvolvimento dentro desta teoria (Bronfenbrenner, 2002²).

¹ Para fins deste trabalho, considera-se pai aquele biológico, ou seja, ligado ao bebê por laços consanguíneos.

² Refere-se ao documento original de 1979, sobre a ecologia do desenvolvimento humano, que se tornou teoria bioecológica em 1998.

A ecologia do desenvolvimento se resume pelo estudo científico e sistemático das condições e processos que produzem continuidade e mudanças ao longo do tempo para as características biopsicológicas dos seres humanos. Essas transformações ocorrem ao longo da vida e de sucessivas gerações, através do tempo histórico retrospectivamente e em termos de suas implicações para o curso do desenvolvimento humano no futuro prospectivamente (Bronfenbrenner & Evans, 2000).

Bronfenbrenner e Evans (2000) ressaltam que a teoria tem por objetivo verificar a evolução humana como um processo lento, identificando os fatores que operam hoje e seus resultados nos seres humanos de amanhã. Portanto, a ecologia do desenvolvimento é definida como:

o estudo científico da acomodação progressiva, mútua, entre um ser humano ativo, em desenvolvimento, e as propriedades mutantes dos ambientes imediatos em que a pessoa em desenvolvimento vive, conforme esse processo é afetado pelas relações entre esses ambientes, e pelos contextos mais amplos em que os ambientes estão inseridos. (Bronfenbrenner, 2002, p. 18)

Bronfenbrenner (2002) afirma que apesar de se tratar do estudo da Psicologia no contexto, essa teoria se distingue da psicologia social e da antropologia na medida em que denomina importante os fatores biológicos no desenvolvimento humano. Nesse sentido, “a ecologia do desenvolvimento humano está localizada num ponto de convergência entre as disciplinas das ciências biológicas, psicológicas e social, conforme elas se relacionam à evolução do indivíduo na sociedade” (p. 12).

A importância dos fatores biológicos é salientada porque Bronfenbrenner (1994) acredita que mesmo se desenvolvendo em interação com o ambiente, as pessoas não são vistas como *tábulas rasas* já que carregam consigo suas características físicas e suas propensões genéticas. Destarte, ressalta a importância de se utilizar mais largamente as medidas de herdabilidade, pois permitem estimar os componentes genéticos não só dos efeitos no desenvolvimento, mas de todos os componentes do modelo teórico. Os resultados podem traduzir o potencial genético dos seres humanos nas condições do processo, pessoa, contexto e tempo (Bronfenbrenner & Evans, 2000; Bronfenbrenner, 1994). O modelo PPCT (processo, a pessoa, o contexto e tempo) refere-se a quatro núcleos dinâmicos e interdependentes, através

dos quais o desenvolvimento humano é concebido (Bronfenbrenner & Morris, 1998; Bronfenbrenner & Evans, 2000).

O processo refere-se às interações recíprocas envolvendo os organismos, os objetos, símbolos e meio externo que ocorre em um determinado período de tempo, contínua e duradouramente. Os processos significam esta transferência de energia em qualquer direção e podem ter como produto a competência ou disfunção. As competências compreendem a aquisição de habilidades e conhecimento para direcionar o próprio comportamento nas situações de qualquer domínio como: intelectual, físico, motivacional, artístico, emocional ou suas combinações. Por outro lado, a disfunção significa a recorrente manifestação de dificuldades e integração de comportamentos através das relações (Bronfenbrenner & Evans, 2000).

Aos processos que ocorrem no meio imediato à pessoa, denomina-se processos proximais. Esses podem ocorrer através de atividades individuais das pessoas, ou num sistema de díades, tríades, etc. As díades são, portanto, sistemas de desenvolvimento recíproco, pois quando um dos membros se desenvolve o outro também se desenvolverá. Segundo Bronfenbrenner e Ceci (1994), há uma relação entre a intensidade dos processos proximais e sua possibilidade de atuação no desenvolvimento. Assim, quanto maior a amplitude desses processos melhor será a aquisição de conhecimentos e habilidades, a modificação do seu ambiente físico, social e simbólico, e a estabilidade e permanência de relações mutuamente benéficas e gratificantes.

As características da pessoa também são ressaltadas como influenciadoras dos processos proximais. Para Bronfenbrenner e Morris (1998), essas características contribuirão por suas disposições, por seus recursos e por suas demandas. As disposições referem-se às características generativas da pessoa, que envolvem ações como engajar-se em atividades com outros. Os recursos referem-se às habilidades ou deficiências psicológicas de se envolverem nos processos. Já as demandas indicam a capacidade de provocar reações no ambiente ou mesmo de impedir essas reações.

O ambiente ecológico, conforme descrito por Bronfenbrenner (2002) “é concebido como uma série de estruturas encaixadas, uma dentro da outra, como um conjunto de bonecas russas” (p. 5). Estas estruturas não são lineares e são conhecidas como *sistemas* variando conforme a especificidade da interação com a pessoa. Logo, os sistemas não se restringem apenas às suas relações mais próximas, mas abrangem

a sua rede social mais ampla e até mesmo a cultura na qual esta pessoa encontra-se inserida. Há uma interconexão não restrita apenas ao ambiente próximo, e sim entre os vários ambientes que fazem parte da realidade dos sujeitos.

Os ambientes são denominados de acordo com sua proximidade em relação ao sujeito. As relações mais imediatas à pessoa, ou seja, o seu contexto mais íntimo é conhecido pelos teóricos e pesquisadores como *microsistema*.

O *microsistema* não considera apenas as díades, mas também os sistemas de tríades, tétrades ou estruturas interpessoais mais amplas. A valorização de um sistema maior do que aquele formado apenas por díades se dá porque a introdução de uma terceira pessoa em qualquer díade é crucial para um desenvolvimento efetivo. Como exemplo deste sistema encontra-se a família em geral, escola ou local de trabalho, dentre outros.

O *mesossistema* é composto pelas interconexões entre os sistemas os quais a pessoa participa como, por exemplo, a relação entre a escola e a casa da criança. Refere-se a um sistema de dois ou mais microsistemas, e desse modo é ampliado com a inserção da pessoa em um novo ambiente.

Em terceiro lugar está o *exossistema*, que corresponde aos ambientes em que não necessariamente a pessoa está presente, mas que acabam influenciando indiretamente sua vida como, por exemplo, o trabalho dos pais, que interfere na vida da criança.

Por fim, permeando todos os sistemas já citados está o *macrossistema*. Este, diz respeito à ideologia e organizações comuns a uma cultura ou subcultura, capacitando os sujeitos a terem peculiaridades dependendo da região ou país onde estão inseridos.

A noção de tempo é considerada como o quinto subsistema, o qual é denominado de *cronossistema*. Este, não indica o sentido tradicional de idade cronológica, mas como o curso da vida que perpassa o tempo histórico. De tal modo, as pessoas se modificam com o passar do tempo ao mesmo tempo em que o meio no qual estão inseridas também é modificado.

Por fim, um conceito relevante em prol do desenvolvimento e que tem grande importância para o estudo proposto neste trabalho é o conceito de transições ecológicas. Estas são descritas por Bronfenbrenner (2002), como as mudanças de papel ou ambiente que ocorrem durante toda a vida das pessoas, como por exemplo, uma mudança de emprego, a adolescência e, no trabalho em questão, a gravidez do casal. As mudanças de papel desempenhadas pelos sujeitos com as transições

ecológicas alteram a forma de agir, pensar e sentir das pessoas. Elas propiciam o desenvolvimento que ocorre na forma de *atividade molar*, ou seja, o desenvolvimento que é constituído como mecanismos internos e concomitantemente manifestações externas de crescimento psicológico. Ao contrário, há o *comportamento molecular* o qual não possui a capacidade de permanência, sendo momentâneo e desprovido de significado.

Portanto, o pai será estudado a partir de sua transição ecológica, já que estará em transição de papel. Para Bronfenbrenner (2002), a possibilidade de se desempenhar um desenvolvimento efetivo como pai, irá depender das exigências do referido papel e também do apoio fornecido a pessoa. Para explicar especificamente a respeito da transição ecológica vivenciada pelo pai utilizou-se do enfoque sistêmico a respeito da família e da transição para a parentalidade.

2.2 A transição para a parentalidade

A família pode ser entendida como um grupo que se desenvolve num processo contínuo de tempo, carregando consigo características do que foi vivenciado anteriormente e sinalizando a continuidade de seu processo de desenvolvimento (Silva, 2003). Para Bowen (1991) a família humana é vista como um sistema que segue as leis dos sistemas naturais, através dos quais seus membros exercem uma ação interativa, com objetivos compartilhados e reconhecendo-se mutuamente em sua singularidade, onde cada parte influencia o todo e o todo é por ela influenciado.

Carter e McGoldrick (1995) desenvolveram a teoria do ciclo vital familiar, perspectiva que vê as alterações no seio da família ao longo do tempo, onde o desenvolvimento individual acontece dentro do ciclo familiar, que é contexto primário do desenvolvimento humano. No seu decorrer, cada etapa se caracteriza pela presença de diferentes desafios e tarefas para o sistema familiar, existindo distintos padrões de interação e de comunicação entre os membros da família (Menezes, 2001).

Autores como Minuchin (1985), Cowan (1991), Cerveny *et al.* (1997) consideram que as famílias passam por processos de formação e reorganização os quais são

denominados de transições. Como exemplos de transições estão a morte de uma pessoa próxima, o casamento ou a chegada de um filho. Cowan (1991) ressalta que há transições familiares normativas e não-normativas. As transições normativas são aquelas esperadas de acordo com o ciclo de vida, como casar, ter filhos, ou puberdade. Por outro lado, as transições não esperadas para o desenvolvimento, são denominadas de não-normativas, como por exemplo, as doenças severas ou desemprego.

Dentre todas as mudanças na vida das pessoas, a tarefa da paternidade pode ser considerada uma das mais expressivas em termos de associações e de funcionamento dos membros da família (Bradt, 1995). Cada casal vai desenvolver determinados padrões de interação, tanto comportamental quanto comunicacional. Este processo ocorre tanto com relação aos aspectos conjugais, como com relação às novas funções parentais em construção.

O processo de transição à paternidade envolve fatores complexos, como a relação do casal entre si e suas vivências com as famílias de origem. A família, portanto, se encontra, neste momento, exposta a fatores que provocam estresse³. Bowen (1991) e Carter e McGoldrick (1995)⁴ descrevem dois tipos de estressores, os horizontais e os verticais. O primeiro tipo se refere aos fatores decorrentes das transições do ciclo vital que são observadas pela passagem de uma etapa a outra, como é o caso do tema deste trabalho. Também são estressores horizontais aqueles que interrompem o processo do ciclo como uma morte prematura, nascimento de uma criança deficiente ou uma doença crônica. Os estressores verticais por outro lado incluem mitos, tabus, segredos, expectativas e legados familiares e são transmitidos transgeracionalmente.

De acordo com Menezes (2001) a construção da parentalidade tem seu início antes mesmo da concepção, já que a possibilidade ou não dessa construção se dá a partir da história particular de cada indivíduo e/ou mesmo através da história de cada casal, já que a partir dessas condições será possível ou não a inclusão de um novo ser

3 Lazarus e Folkman (1984), definem estresse como a relação estabelecida entre o sujeito e o entorno, levando em consideração as características de ambos. Nesta relação o sujeito julga o ambiente como ameaçador e encontra-se desprovido de recursos para manter seu bem-estar frente a essa ameaça.

⁴ Apesar da origem americana das autoras e seu foco ser a sociedade americana, considera-se que seus estudos cabem para a população pesquisada neste trabalho.

na família. Menezes (2001) afirma que o nascimento do primeiro filho é um momento de extrema importância na vida familiar, conjugal e individual o que evoca oportunidades, mas também perigos pois o casal deverá negociar seus valores, desejos e seu papel no sistema familiar enquanto indivíduos, enquanto casal e enquanto pais.

Este evento envolve tamanha amplitude porque está ligado não ao acontecimento do nascimento somente, mas com todas as transformações psicológicas, a organização dos papéis e relacionamentos dos pais. Nesse sentido, a duração da transição para a parentalidade varia de acordo com as características de cada família, não existindo ponto claramente identificado para seu início e seu fim (Cowan & cols, 1991).

Trata-se da preparação para os cônjuges, antes apenas um casal, para tornarem-se pais, progenitores de uma nova família (Cervený *et al.*, 1997). O momento de tal passagem é delicado e envolve inúmeros fatores, internos e externos ao sistema familiar (Menezes, 2001). A construção destes novos papéis, de pai e de mãe, caracteriza-se pela presença de crises, descobertas e aprendizagens, pela necessidade de adaptações e do estabelecimento de novas formas de interação na família (Minuchin, 1982). A complexidade marcada por tal processo ocorre porque se construir como um progenitor não é apenas um resultado biológico, mas um advento psicológico e social (Bradt, 1995).

De acordo com Belsky, Spanier, e Rovine (1993), além das características individuais e ambientais, há também as experiências iniciais da vida da pessoa norteadoras das experiências na atualidade. Isso ocorre porque todas as pessoas levam consigo suas experiências primárias de relacionamentos, expectativas e emoções que vão moldar seu comportamento, quer seja de pai ou de cônjuge.

O significado deste acontecimento ocorre diferentemente para homens e mulheres e, mesmo com a luta pela igualdade de papéis sexuais, essa tentativa igualitária parece ruir quando entra em questão o cuidado com as crianças (Bradt, 1995). Bronfenbrenner (2002) acrescenta que parece clara a falta de habilidades masculinas e, atualmente também femininas, em relação ao cuidado. Isto ocorre, principalmente pelo distanciamento da família extensa, ocasionando escassez de modelos disponíveis que facilitem a realização desta tarefa.

Trindade (1993) ressalta que a maternidade e paternidade transcendem a questão puramente biológica, sendo uma construção sócio-histórica. Para a autora as diferenças partem da socialização de meninos e meninas, como divisão dos papéis sexuais. Preponderantemente, na família, o menino é menos ou quase nunca inserido nas tarefas domésticas e é considerado como pouco importante neste tipo de atividade. Por outro lado, o papel⁵ materno da menina é supervalorizado, o que transforma o papel paterno como secundário no processo de transição para a parentalidade.

Certamente, questões como essas guiarão no futuro a forma como o casal designará os cuidados à criança. Portanto, a parentalidade exige do casal maturidade para equilibrar os papéis desempenhados e para direcionar sua energia de forma equilibrada entre esfera doméstica, de trabalho e social. Aliado a estes fatores, Bronfenbrenner (2002) afirma que essas discrepâncias entre homens e mulheres tendem a ser suavizadas por meio do apoio mútuo já que o desenvolvimento é facilitado quando duas pessoas realizam uma atividade conjunta, desenvolvendo inclusive, sentimentos mais duradouros uma em relação à outra.

Outro aspecto que sofre interferência com a parentalidade é a sexualidade, já que há interferência na privacidade do casal e o investimento na mesma comumente diminui. Somando-se a isto, a presença de um terceiro e a formação da relação triangular afeta a estabilidade do casal. A esse respeito várias pesquisas têm sido realizadas em diversos âmbitos. Dentre elas é possível observar primeiramente aquelas que abordam o declínio da satisfação marital nos anos que compreendem o período da gravidez e nascimento, até aproximadamente dezoito meses de vida do bebê (Belsky & cols, 1993; Cowan & cols, 1991; Cowan & Hetherington, 1991). Em segundo lugar, Cowan e cols (1991) referem que há estudos que comparam a satisfação conjugal no último trimestre da gravidez com o período pós-parto, afirmando também uma queda nos níveis de satisfação. Por último estão os estudos epidemiológicos que indicam um aumento na ansiedade em função desta transição

⁵ Utilizou-se a definição de papel apresentada por Moreno (1978) que diz que “o papel pode ser definido como uma unidade de experiência sintética em que se fundiram elementos privados, sociais e culturais (p. 238)”.

resultando em riscos de psicose, depressão severa e do “blues”⁶, tanto para a mãe, quanto para o pai (Benvenuti & cols, 1995; Draper, 2002).

Cowan e cols. (1991) verificaram que o conflito conjugal aumenta desde a gravidez até os dezoito meses após o nascimento do bebê. O aumento é sentido diferentemente pelas mulheres e pelos homens. A satisfação dos homens muda pouco desde a gestação até os seis meses pós-parto, mas declina mais dramaticamente dos seis aos dezoito meses do bebê. Contrariamente, a satisfação das mulheres declina mais desde a gravidez até os seis meses do bebê, com um declínio moderado dos seis aos dezoito meses do mesmo.

Os achados de Lewis (1988) apontam para uma direção semelhante. Este autor encontrou resultados que demonstram o aumento de mudanças regressivas durante o primeiro ano de parentalidade. Na sua concepção, as demandas da parentalidade, particularmente às mulheres, levam a um aumento da insatisfação e dos conflitos entre os cônjuges.

Levy-Shiff (1994) afirma que há um declínio do ajuste conjugal sentido como maior pelas mulheres do que pelos homens. Huston e Vangelisti (1995) contrapõem este pensamento dominante e expõem que embora se tenha consciência de tais implicações da parentalidade, não necessariamente é esta que provoca um declínio na relação conjugal e no amor entre os cônjuges. A parentalidade pode, para aos autores, melhorar ou piorar a qualidade de alguns casamentos, ou ainda, ter poucos efeitos em outros, pois a transição provocada pelo nascimento do primeiro filho cria uma variedade de ajustes e adaptações, sendo que apenas algumas levarão a conseqüências mais radicais de discordância.

O nascimento de uma criança pode ser visto tanto como um momento de otimismo e prazer, quanto um período de grande peso para a família (Cowan, Cowan, Heming, & Miller, 1991). Essas diferenças irão depender de inúmeros

⁶ Maldonado (1976) define blues como o estado de embotamento afetivo ou depressivo manifestado pelas mães nas primeiras semanas de vida da criança, decorrentes das transformações fisiológicas, psicológicas e sociais do nascimento. Este termo é também conhecido como “pós-partum blues”.

fatores, desde aqueles individuais, familiares, de experiência de vida e também de origem de camada social e contexto cultural.

A partir do final da década de sessenta, muitas investigações foram realizadas a este respeito, Cowan e cols (1991) suportam a hipótese de que há riscos significativos associados a esta experiência, tanto para os pais enquanto casais, quanto individualmente, o que acaba por se configurar em uma situação de crise.

De acordo com Cerveny *et al.* (1997) a crise é definida como “um período temporário de desorganização do funcionamento de um sistema, precipitado por circunstâncias que transitoriamente ultrapassam as capacidades do sistema para adaptar-se interna e externamente” (Cerveny *et al.*, 1997, p. 62). Vasconcelos (2002) ressalta a necessidade do desequilíbrio, na medida em que o equilíbrio presume a estagnação em vez do crescimento. Nesse sentido, a noção de crise nem sempre deve ser avaliada como um evento negativo.

Para Cowan (1988) a transição para a parentalidade pode ser compreendida por duas vias simultaneamente, como tempo de desequilíbrio, estresse e crise, mas também como uma oportunidade para a maturação e crescimento individual e marital. Este período é então compreendido não como um estágio de desenvolvimento, com características universais e reorganizações progressivas conforme teorias de Freud e Piaget, mas sim como uma possibilidade de diferenciação e integração que podem conduzir à maturidade. O conceito de diferenciação diz respeito à capacidade de analisar o todo em partes, discriminar e generalizar e dar respostas apropriadas para cada nova situação. A integração se refere à harmonia ou ajuste das partes separadas de uma pessoa ou sistema.

Cowan (1988) ressalta que é impressionante o aumento da maturidade de muitos homens em decorrência da experiência da parentalidade. O conceito de maturidade possui vasta influência em pelo menos três aspectos da vida: auto-conceito, competência e relacionamento do casal, tendo particularidades em cada caso. Com relação ao auto-conceito, este envolve seu *senso de identidade* que parece se modificar desde o começo da gravidez, tendendo a tornar-se mais sensíveis às necessidades dos outros; *locus de controle* que é definido pela capacidade de identificar eventos que estão sob controle e aqueles que estão fora de controle; e *auto-estima*, o que se daria pela habilidade de ter uma realística avaliação de si, considerando suas forças, fraquezas e circunstâncias de vida.

No que se refere ao desenvolvimento de competências, este pode se dar pela *capacidade de resolver problemas*, que podem requerer habilidades não previstas no repertório; *a perspectiva*, que se dá pela possibilidade de recuar dos eventos do cotidiano para avaliar sua vida; *regulação de emoções*, ou seja, o controle de impulsos para poder cuidar de seus filhos e dar suporte emocional a sua companheira e; *compromisso*, maior engajamento tanto no mundo exterior como na capacidade de se voltar para seu interior.

Por fim, a maturidade voltada para o relacionamento conjugal pode ser definida na coordenação da individualidade e mutualidade. Isto significa satisfazer necessidades individuais, desenvolver independência e autonomia, ao mesmo tempo em que a separação e isolamento do parceiro são evitados. Procura-se então, não aderir os extremos ou a polaridade, nem tampouco a fusão, já que as duas formas são consideradas disfuncionais. O balanço entre elas é definido, por sua vez, como maturidade, embora haja concordância das dificuldades na ponderação de medidas a este respeito.

Alguns autores como Cowan e cols (1991), Beslky e cols. (1993), dentre outros, desenvolveram um modelo estrutural para representar esse momento de transição para a parentalidade e que adere a teoria ecológica do desenvolvimento de Bronfenbrenner. Este modelo consta de cinco domínios sendo que sua inter-relação demonstra a compreensão do estresse familiar e sua adaptação.

1. Características individuais de cada membro da família como auto-conceito, auto-estima, sintomas de depressão e estresse emocional.
2. O relacionamento conjugal levando em consideração principalmente sua comunicação e divisão de trabalho.
3. A qualidade da relação entre os pais e a criança.
4. A intergeracionalidade (avós, pais e netos).
5. A relação entre os membros da família nuclear com outros indivíduos ou instituições como trabalho, escola, bem como o balanço entre o estresse de vida e o suporte social.

Cowan e cols (1991) afirmam em seu estudo, que casais que permanecem sem filhos sofrem algumas alterações nesses domínios. Por outro lado os casais que

decidem ter filhos demonstram mudanças em todos os domínios. Esse autor ressalta, portanto, que a mudança do casal se dá porque toda energia que era voltada somente para os dois precisa ser redistribuída para a necessidade da criança, o que gera conflitos como demonstrado em sua pesquisa na qual um em cada oito casais se separou até dezoito meses após o nascimento do primeiro filho. Todavia, embora essa mudança aumente a tensão do casal, ela permite que este se desenvolva enquanto tal, mas também individualmente como pessoas, em outros domínios.

Portanto, apreende-se que os modelos de interação familiar são circulares, e se dão num contínuo processo de desenvolvimento e de mútuas influências. Assim, a relação do homem com a paternidade provoca efeitos tanto na sua individualidade, quanto no seu relacionamento com a companheira, efeitos estes que dependem da forma, intensidade e significado que dará a essa experiência. O momento da gravidez, como início, de fato, do processo de transição para a parentalidade deverá ser considerado como fundamental para o desenvolvimento de ambos, homem e mulher, e não apenas como circunscrito à esfera feminina.

Por fim, outro aspecto relevante a ser considerado é a representação que cada homem tem em relação à paternidade. O conceito de representação social aqui utilizado foi tomado emprestado da psicologia social.

Moscovici (1981), autor mais importante desta teoria refere-se às representações sociais como “a versão contemporânea do senso comum”. Assim, as representações sociais são modalidades de conhecimento que se referem à elaboração, apropriação e interpretação da realidade externa. As representações interferem nas relações com as pessoas, com os ambientes, na definição de identidade e transformações sociais.

Trindade (1993) afirma que há uma condição recíproca entre representações sociais e práticas cotidianas. Desse modo “as representações são produzidas e transformadas através do cotidiano e, por sua vez, orientam o sujeito na definição e interpretação de sua realidade” (p. 516).

2.3 A gravidez e suas implicações para o pai

O processo de gravidez é definido por Klaus e Kennel (1993) como as transformações ocorridas durante a gestação, tanto físicas quanto psicológicas, decorrentes do desenvolvimento do feto. Trata-se de um período em que a mulher passa ao mesmo tempo por dois tipos de mudanças evolutivas, as mudanças físicas e emocionais no seu interior, e o crescimento do feto em seu útero. Nesse sentido, de acordo com Brazelton (1988), enquanto a mãe pode sentir o bebê crescendo em seu corpo e aos poucos, ir tomando consciência dessa nova realidade, o pai, por outro lado necessita exercitar sua imaginação a fim de se preparar para seu novo papel. O homem tem o papel coadjuvante nesse processo orgânico de sua companheira, não há como negar, no entanto, isso não o isenta dos sentimentos subjacentes ao momento.

Umbehaum (2000) ressalta que a proposta de uma gravidez do casal está centrada na valorização da participação masculina no processo gestacional, bem como as novas tecnologias reprodutivas que são também um mecanismo que aloca a participação masculina no processo de concepção, concretizando o seu lugar biológico na reprodução. Dessa forma, procura-se valorizar as experiências individuais de cada um dos membros do casal e não graduá-los em termos de importância sobre sua participação.

Bruist, Morse, e Durkin (2002) assinalam que as dificuldades psicológicas dos homens em seu ajustamento para a paternidade têm sido identificadas e discutidas em profundidade. As questões psicológicas associadas a este assunto incluem ansiedades não resolvidas relacionadas à sua própria maturidade de desenvolvimento, conflito de papéis, expectativas sociais e sobrecarga financeira. Szejer e Stewart (1997) afirmam que homem e mulher funcionam diferentemente em relação aos aspectos psicológicos e fisiológicos e embora o projeto de ter um filho possa ser um projeto comum para os pais, o significado e suas implicações são diferentes para ambos. Assim como há diferenças entre a paternidade e a maternidade e entre cada concepção de um novo filho, existem distintos sentimentos, em cada indivíduo, ocorrendo simultaneamente (Maldonado, 1976). Nesse sentido, o sentimento de ambivalência está sempre presente o que ocasiona inúmeros sentimentos contraditórios, dificultando a forma como os indivíduos irão lidar com tal evento.

Steinberg e cols. (2000) relatam os resultados obtidos através de uma pesquisa que compara a experiência da paternidade para pais canadenses e pais japoneses, e constataram que a ambigüidade suscitada pela transição para a parentalidade direciona pai e mãe para trajetórias divergentes, o que os leva para posições diferentes no desenvolvimento, promovendo o risco de discordâncias maritais. Além disso, parece haver uma distinta valorização da maternidade e paternidade visto que os sentimentos de exclusão do pai são muito reais na sociedade ocidental. A gestante, e depois o bebê, são o centro de todas as atenções e poucas vezes o pai tem espaço para falar sobre isto, pois, usualmente esse é o momento em que lhe é cobrado ser forte e protetor (Brazelton & Cramer, 1992). É importante lembrar que estes achados poderiam variar considerando os contextos sócio-culturais diversos dos ocidentais.

Serafim (1999) em pesquisa realizada em São Paulo entrevistou cem pais provenientes de camadas sócio-econômicas desfavorecidas. Em seu estudo, observou que apenas 25% dos entrevistados estiveram presentes durante as consultas da esposa no período da gravidez. Dentre as razões para sua ausência está a impossibilidade de acompanhamento por causa do trabalho, a não solicitação dos serviços de saúde, embora estivessem na sala de espera, porque não acreditavam que era importante sua presença, porque poderia desagradar ao médico ou porque o atendimento seria direcionado apenas à mulher.

Brazelton (1988) ressalta que não há uma atenção dirigida à gravidez simbólica do pai e suas novas adaptações que, como a mãe, deverá realizar em sua vida. A inexistência desse status em diversas culturas pode ser observada no vocabulário específico ao universo da gestação. Não há um termo que possa designar a condição masculina equivalente à gravidez, ou seja, grávida, primípara ou primigesta (Parseval, 1986; Draper, 2002). Na língua inglesa há a expressão “expectant father⁷” para se referir ao estado em que se encontra o futuro pai.

Draper (2002) afirma que pela impossibilidade física de desfrutar da gravidez, os pais relatam sentimentos de distância em relação ao bebê, principalmente no início da gestação, período em que possuem poucas evidências da mesma. Em sua pesquisa, realizada no Reino Unido com dezoito pais a respeito do impacto da notícia

⁷ Análogo ao termo “expectant mother” que significa “grávida”.

da gravidez, o autor constatou o desejo dos homens de se envolverem mais com o processo, e as dificuldades encontradas para tanto. A ambigüidade de seus sentimentos ainda é dificultada por conta de que o contato com o bebê é intermediado pelo corpo da mulher, a qual pode sentir os movimentos e interpretá-los mais facilmente.

A pesquisa acima citada conclui que o exercício de engajamento no momento da gravidez confirma o status de “pai grávido”⁸ e ajuda a promover sua transição para a paternidade. Embora pouco se saiba a respeito de como as mudanças culturais contribuem para a atual experiência da paternidade, acredita-se haver excessivas tensões em culturas que expõem um modelo de pai ideal, pois haverá conflitos entre esta imagem e aquela real. Portanto ressalta-se a importância da informação e suporte com o intuito de melhor preparar o pai para esse momento (Draper, 2002; Bruist *et al.*, 2002, Gage & Kirk, 2002).

Gage e Kirk (2002) também apontam para a dificuldade do pai de se aproximar do bebê no período da gestação, afirmando muitas vezes a irrealidade do bebê para o mesmo. Em sua pesquisa realizada na Nova Zelândia investigaram como o pai se preparava para a paternidade, levando em consideração os efeitos benéficos que o envolvimento do pai produz para sua própria identidade, para a relação do casal e finalmente para o desenvolvimento da criança, aspectos esses que serão ressaltados posteriormente.

Bruist *et al.* (2002) apontam a ansiedade de que o pai é vítima, principalmente no meio da gravidez (vinte e seis semanas). Em pesquisa realizada com duzentos e vinte e cinco pais primíparos observaram que os homens tendem a ter níveis de ansiedade similares ao das mães na gravidez, mas que esta ansiedade tende a diminuir com o progresso da mesma e com o parto.

Os autores relacionam a ansiedade do pai com sua dificuldade de transição de papel, sua participação indireta, principalmente na situação da amamentação e seus sentimentos de passividade e subordinação à mãe. Tais sentimentos parecem ser mais

⁸ Pelo fato de não haver uma denominação adequada para a língua portuguesa no que se refere ao status daquele que será pai, denominou-se pai grávido para o mesmo ou primigesto, apesar da impossibilidade de tal estado para os mesmos e de ainda não serem pais de fato. Da mesma forma denominaram-se primíparos ou primipais os já pais de primeiros filhos.

expressivos quando há preocupação com o controle, intimidade e falta de comunicação no relacionamento, o que indica uma associação entre a ansiedade paterna durante a gravidez e a baixa satisfação marital. Ainda, ressaltam que o aumento do foco no pai durante o período pré-natal além de abrandar sua transição para a parentalidade pode ajudar psicologicamente a mãe no período pós-parto.

Serafim (1999) conclui que o homem se sente excluído de uma relação mais próxima com a criança, em função do contato indireto com a mesma na gravidez. Tal exclusão pode causar sentimentos de ciúme e provocar um envolvimento maior ou menor durante esse período e no puerpério.

Parseval (1986) afirma que em sociedades primitivas há o chamado ritual de couvade ou resguardo, ao qual muitos homens se submetem e que serviria como uma forma de amortecedor desses sentimentos ambivalentes do pai. Esse fenômeno se dá de diferentes formas em variadas culturas e pode ser observado através de comportamentos como a preguiça e apatia do pai na gravidez da companheira, ou mesmo o repouso durante ou após o parto. Esse ritual está relacionado com crenças e magias sendo que pressupõe um vínculo sobrenatural com o bebê, de forma que o pai em repouso e, identificado com a mãe e com o bebê, atrairia as forças malignas que poderiam recair sobre a mãe na hora do parto. Brazelton (1988), no entanto afirma que em sociedades industrializadas em que não há uma aprovação cultural para esse escape emocional, o corpo é muitas vezes utilizado regressivamente para manifestar esses conflitos a que se denomina síndrome de couvade.

A síndrome de couvade (Brazelton & Cramer, 1992; Maldonado, 1976) é entendida como a inveja do homem, em relação à capacidade da mulher de gerar um filho, e seu sentimento de ser excluído deste processo principalmente em primipais. Parseval (1986) explica que na síndrome de couvade, os futuros pais apresentam sintomas equivalentes aos da gestante, como aumento de peso, vômitos, dores abdominais, etc. Para o autor, os sintomas nem sempre são sinônimo de competição com a gestante, mas podem estar relacionados com a participação e o envolvimento emocional que o homem tem com a companheira grávida.

Para Benvenuti, Marchetti, Nicchietti, e Pazzagli (1995) estas manifestações podem assumir proporções psicopatológicas severas, ultrapassando o blues e, até mesmo, atingindo dimensões extremas como a psicose, que revelam a impossibilidade de alguns pais de lidar com a nova configuração relacional, suas

fantasias e com a responsabilidade de ter um filho. Esses autores demonstram que a “psicose da paternidade”⁹, a qual difere da esquizofrenia e do transtorno bipolar, pode ser acionada por diversos eventos relativos ao momento como: a dinâmica do sistema em que esses pais se encontram, suas fantasias, e a estrutura de personalidade dos mesmos. O estudo deu-se através da análise de casos de pacientes institucionalizados em função da desordem ativada pelo advento da paternidade, em cujas características não havia história psiquiátrica pregressa ou familiar, tornaram-se pais pela primeira vez e mantinham relacionamento exclusivo com a companheira. Os autores observaram que havia uma união entre fatores internos como, por exemplo, a dificuldade de lidar com os impulsos maternos que emergem em função da gravidez, e fatores externos que podem ser a renúncia concreta do papel de filho, ou abdicar da conjugalidade em detrimento da parentalidade.

Assim como a gestante, outras modificações além das somáticas podem ocorrer com o pai tais como, o aumento do interesse por bebês, as preocupações pelas dores da esposa, pelo momento do parto, pelo sustento da família e aumento ou diminuição do desejo sexual pela mulher grávida (Parke, 1996; Benvenuti & cols, 1995). Da mesma forma, os homens podem também buscar apoio de amigos, principalmente aqueles que já passaram por tal experiência, aumentar o contato com seu próprio pai e, especialmente, com sua própria mãe e ainda se mostrar mais compreensivos e conciliadores com as esposas do que anteriormente (Parke, 1996).

Uma das funções do pai, o apoio à mãe, é ressaltado por Rapoport (2003) que pesquisou, dentre outros temas, a importância do pai como rede de apoio para a mãe no momento da gravidez e do nascimento. Esse estudo demonstra o desejo da gestante em ter apoio do companheiro e a disponibilidade ou não de pedir apoio ao mesmo e este se oferecer ou não para tanto. A existência do apoio exerce influências benéficas sobre o comportamento da mulher grávida, bem como nos primeiros meses após o nascimento, quando precisa se dedicar ao bebê.

De acordo com Goldestein, Diener, e Mangelsdorf (1996) a presença de um cônjuge que dá apoio à mãe durante a gestação afeta diretamente seu comportamento

⁹ “Psychosis of fatherhood” é definida pelos autores como uma desordem psíquica aguda, com delírios e alucinações, correlacionada aos conflitos pré-edípicos.

pós-parto, e é fortemente associado ao nível de sensibilidade materna, amamentação e qualidade do apego. Além disso, de acordo com Dessen e Braz (2000) as mulheres latinas têm o pai da criança como a principal figura de apoio durante gravidez e pós-parto.

Para Rapoport (2003), o pai deve oferecer segurança para gestante, o que é predisponente de um bom vínculo. Indiretamente o pai influencia o bem-estar psicológico e auto-estima da mãe. Por outro lado, Lamb (1996) afirma que ao apoiar a mãe, o pai pode facilitar a percepção de sua competência o que conseqüentemente pode trazer aspectos positivos para o casamento.

O pai pode, no entanto, não ser valorizado ou tampouco convidado a colaborar, como conclui Maridaki-Kassotaki (2000). Esta autora pesquisou na Grécia oitenta pais de zona rural comparando-os a oitenta pais de zona urbana, a respeito de sua disposição em auxiliar nos cuidados, e a abertura fornecida pelas mães para que se consumasse este desejo. Então, verificou que os pais, principalmente de zona rural, eram desencorajados pela esposa e familiares a participar das tarefas domésticas e do cuidado com os filhos, sob a alegação de falta de habilidade. No entanto, esta descrença não se deu de forma tão intensa na zona urbana onde o casal trabalhava, o que traz a relevância dos padrões de emprego do casal, já que onde ambos trabalham pode haver uma divisão mais nítida das atividades domésticas e de cuidado.

Rezende e Alonso (1995) também concordam que parece haver um maior interesse do pai no cuidado com os filhos, e as mulheres não raro, relutam em abrir o caminho para esse maior envolvimento do pai. Em seu estudo verificou que as mães chamavam os pais de incompetentes quando se tratava de realizar tarefas de cuidado.

Em pesquisa realizada com pais em situação de risco psicossocial na grande Florianópolis, também Crepaldi, Andreani, Ristoff, Hammes e Abreu (no prelo), observaram a dificuldade da mãe de valorizar o empenho do pai frente à atenção e cuidados aos filhos. A pesquisa demonstrou que todas as mães mencionavam atividades de cuidado realizadas pelo pai em relação à criança. No entanto metade das participantes acreditava não haver suficiente colaboração do pai.

O momento do parto é um exemplo importante da necessidade de apoio tanto da mãe quanto do pai. Draper (2003) ressalta que o parto é uma micro-transição na qual o homem literalmente se torna um pai, sendo uma parte da macro-transição que vive. A Lei número 11.108 que autoriza o acompanhamento do pai no parto foi sancionada

pelo Presidente da República apenas em abril de 2005. Apesar da atenção ao assunto datar de período anterior, o Brasil parece caminhar vagarosamente na implementação das práticas mais humanizadas no parto (Motta, 2003; Silveira, 2006). Essas novas políticas promovem a transição da figura do pai que antes esperava fumando no corredor do hospital para aquele que aguarda ansiosamente o surgimento do bebê, ao mesmo tempo em que apóia a mãe (Draper, 2003).

Portanto, diversos fatores contribuem para facilitar ou dificultar o engajamento do pai na gravidez, dentre eles a valorização de seus sentimentos, o suporte emocional e o respeito por seu ritmo. Dentre esses fatores pode-se destacar a informação sobre a importância de seu papel bem como a necessidade e a consciência das diferenças entre a experiência masculina e feminina.

Procurar-se-á destacar a seguir aspectos relevantes sobre as influências que o pai exerce no desenvolvimento da criança para melhor se apreender os benefícios de um envolvimento precoce, a longo prazo. Por enquanto pode-se afirmar que a literatura que trata da experiência da gravidez para o pai não é ampla dentro da abordagem do desenvolvimento familiar, segundo a perspectiva sistêmica. A maioria das pesquisas descritas acima ainda aponta como função primordial do pai o apoio fornecido a mãe e minimamente prestam atenção no mesmo como protagonista dessa vivência. Os estudos sobre paternidade que tem como foco a experiência do pai em si podem ser encontrados em pesquisas com famílias com filhos pequenos ou que abordem o ingresso da criança na escola conforme demonstram Carter e McGoldrick (1995) e Bigras e Paquette (2000).

2.4 Cuidado paterno

Embora se saiba que o bem estar da criança depende em grande parte das influências parentais, pouco se conhece sobre a percepção dos homens a respeito de seu papel de pai e, embora pai e mãe se tornem progenitores ao mesmo tempo, não o fazem da mesma forma.

Como pode ser observado nos estudos de Mary Ainsworth, Jonh Bowlby e Donald Winnicott, a psicologia do desenvolvimento teve-se por muito tempo na

figura da mãe como principal e maior responsável pelo desenvolvimento infantil; ficando sob sua responsabilidade o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança (Bronstein, 1988). As pesquisas que tratam do papel do pai foram realizadas desde a década de setenta e, enquanto os primeiros estudos centravam-se na hipótese da possibilidade de haver ou não apego entre a criança e o pai, as mais recentes abordam a multidimensionalidade do papel de pai e suas variações através da cultura e do tempo (Lamb, 1996).

Mesmo hoje, nas famílias em que o casal trabalha o pai ainda é o provedor primário e continua a ser descrito, em sua maioria por seus papéis fora das interações familiares (Lewis & Dessen, 1999). O suporte econômico constitui uma indireta, mas importante maneira dos homens contribuírem para a criação e saúde emocional da criança. Lamb (1996) assinala que em decorrência da imagem do pai como o provedor, houve durante muito tempo dúvidas a respeito da possibilidade ou não de se apegar ao seu filho. Atualmente, acredita-se que o pai pode ser tão apegado à criança quanto a mãe. Para o autor o pai é responsivo, ficando exaltado com o nascimento, emocionalmente conectado e ansioso em deixar o bebê sozinho, embora seu comportamento seja menos sensível do que o da mãe. Belsky e cols. (1985) apontam que a sensibilidade paterna varia dependendo das circunstâncias, das relações maritais e de sua personalidade, entretanto, o pai é consistentemente mais envolvido na interação com a criança antes e depois de seu nascimento, quando ele é altamente engajado na sua relação com a companheira.

Lewis e Feiring (1998) ressaltam que os efeitos do pai no desenvolvimento de seus filhos podem ser diretos e indiretos. Os efeitos diretos são nomeados como aquelas interações em que há influência ou efeito de uma pessoa no comportamento de outra, mas que ambos estão engajados na interação. Os efeitos indiretos por outro lado podem se dar na falta da pessoa afetada ou mesmo em sua presença, mas não a envolve diretamente.

Nesse sentido, segundo os autores acima citados, a relação da mãe com o pai da criança tem importantes efeitos na medida em que a satisfação conjugal e a auto-estima de ambos influenciam no seu cuidado com a criança. Contudo, o pai pode também afetar indiretamente seus filhos através de sua relação com a companheira, o que inclui o suporte emocional a ela, demonstrando a interdependência entre o

subsistema pai-criança do subsistema composto pelos progenitores. Assim, as mães afetam a vida de suas crianças indiretamente por sua relação com o companheiro.

Bronfenbrenner (2002) denominou de efeito de segunda ordem a influência de terceiros na interação de uma díade. Assim, a interação do pai com a criança será sempre influenciada indiretamente pela mãe, “por sua presença, ausência e o possível efeito de seu comportamento sobre a interação do pai com a criança” (p. 55).

O cuidado direto com a criança é uma importante influência indireta do pai como fonte de um suporte emocional e concreto para a mãe (Parke, Power, & Gottman, 1979). Esse cuidado tende a aumentar a qualidade da relação da mãe com a criança o que facilita o positivo ajustamento pela criança, contribui para o desenvolvimento cognitivo e social da mesma e abranda efeitos adversos na sua saúde e vida social (Gage & Kirk, 2002).

Lewis e Feiring (1998) afirmam a importância de a mãe apoiar o pai fazendo-o se sentir bem como pai e como marido, uma vez que os sentimentos positivos em relação à sua competência paterna influenciam sua responsividade para a criança de forma positiva, e conseqüentemente a criança é influenciada indiretamente pela mãe. Se o cuidado é visto como uma atividade importante para o pai, o sucesso do mesmo aumentará seu sentimento de competência e melhorará sua auto-estima, o que irá afetar positivamente a interação pai-criança. A participação e o envolvimento paterno dependem da crença do pai na sua importância para o bebê desde o início, que está relacionada à sua própria experiência como filho de seu pai. Pais com experiências profundas com seus próprios pais tendem a reconhecer a sua importância para com seu filho (Menezes, 2001).

Outro efeito indireto importante é a forma como os pais dividem as responsabilidades, tarefas, informações e filosofias no cuidado com a criança já que a mesma aprende sobre o ambiente que os pais constroem para ela. Contudo, mesmo nesses casos, as mães são freqüentemente as cuidadoras primárias, já que são elas quem normalmente levam ao médico, compram as peças de vestuário ou agendam as atividades que devem ser realizadas por outros cuidadores, como uma babá, por exemplo, (Draper, 2002; Lewis & Dessen, 1999; Lewis & Feiring, 1998).

O auxílio do pai nos trabalhos de casa é uma forma de influenciar as crianças provendo modelos que as mesma poderão imitar ou evitar. Muitos dos comportamentos adquiridos na infância são resultados de observações e ajustamentos

de comportamentos de outras pessoas. O reconhecimento da influência indireta como persuasiva representa um dos mais revolucionários avanços para Cabrera, LeMonda, Bradley, Hofferth, e Lamb (2000).

Na medida em que a literatura aponta principalmente para a importância da mãe nos cuidados com a criança, são questionadas algumas das capacidades ou qualidades do cuidado paterno. Levy-Shiff e Israelashvili (1988) afirmam que o pai se envolve de maneira muito variada com seus filhos e que é importante investigar a dinâmica dos diferentes padrões de envolvimento do pai. Contudo parece haver múltiplas determinações que estão relacionadas com três origens: as características individuais do pai, o contexto social da interação pai-criança e as características individuais da criança.

Para as autoras, os pais mais hábeis para assumir uma posição sensível e de cuidado estão mais propensos a ter sucesso no seu envolvimento como pai, enquanto que aqueles que não apreciam as experiências novas, obrigações e restrições, serão mais predispostos a ter insucesso nesta tarefa. Ser pai corresponde a uma fase do desenvolvimento da vida do homem, a qual requer certo nível de maturidade e integração (Erikson, 1965) podendo ativar conflitos atuais e remotos bem como necessidades sociais e psicológicas (Levy-Shiff & Israelashvili, 1988).

Lamb (1996) afirma que não se trata de qualidade em relação ao cuidado, mas que o pai cuida dos filhos de forma diferente daquela utilizada pela mãe. O contato entre pai-criança se dá em maior escala física, aumenta com a idade e tende a ser mais intenso em locais públicos; por outro lado o contato da mãe é menos ativo e parece ser menor em locais públicos. Cabrera e cols (2000) ressaltam que as mães, comparadas aos pais, freqüentemente dão mais cuidado, proteção, conforto e estimulação social aos seus filhos. Por outro lado, os pais são mais responsáveis do que as mães pelo papel instrumental na família, ligando a criança à sociedade. Enquanto as mães preocupam-se mais com os relacionamentos afetivos, os pais são tradicionalmente mais ocupados com a educação e os valores de seus filhos.

Parece haver um direcionamento da comunidade científica em pesquisas sobre o novo papel do pai na família (Bronstein, 1988) e esse fenômeno é dominado atualmente de “nova paternidade¹⁰”, que se remete aos compromissos assumidos pelo

pai, seus conflitos e modelos (Draper, 2003; Henwood & Procter, 2003; Barclay & Lupton, 1999). Com essa nova forma de ver o pai, Barclay e Lupton (1999) constataram em sua pesquisa que é esperado que o pai seja ao mesmo tempo provedor, dê suporte emocional e que alcance sua própria satisfação emocional com uma relação íntima com seus filhos. No entanto, ressalta que em alguns países como a Nova Zelândia, por exemplo, não há suporte social suficiente para tanto. Além disso, esclarecem que seus sujeitos consideram muito difíceis as transformações vividas durante o período de transição para a parentalidade, denominando-as frustrantes e desapontadoras em maior intensidade do que imaginavam no período da gravidez.

Os autores acreditam que a tarefa de apoio mútuo entre o homem e a mulher e o enriquecimento por isso é ainda pouco inexecutável, pois carece de mudanças sociais e estruturais. A dificuldade de muitos pais se engajarem no cuidado e proximidade com suas crianças, não está somente atrelada a diferenças individuais e déficits psicológicos, mas está relacionada mais expressivamente aos contextos sócio-culturais nas quais o pai é representado e compreendido. As distinções entre esfera pública e privada é para eles uma falsa dicotomia na medida em que a parentalidade e a família não são separadas do mundo exterior. Além disso, foi possível observar em seus resultados que, por se tratar de mudanças recentes em relação à cultura de pai como provedor, muitos homens precisam criar novos modelos já que devem se diferenciar de seus próprios pais.

A gratificação emocional do pai é, no entanto, proporcional à quantidade de tempo e energia dispensada no seu contato íntimo com a criança (Barclay & Lupton, 1999; Cabrera & cols, 2000; Lamb, 1996; Pleck, 1996). Evidências demonstram que uma experiência agradável durante a gravidez tende a facilitar posterior proximidade do pai e da criança (Levy-Shiff & Israelashvili, 1988).

¹⁰ Alguns autores como Henwood & Procter (2003) e Lewis (1986) discordam da expressão 'new fatherhood' pois sugerem que sempre houve algum tipo de envolvimento do pai com seus filhos e acreditam que esta nova paternidade não é um fenômeno tão recente.

Nesse sentido há consenso entre os autores abaixo citados sobre a necessidade de suporte emocional para o pai, de informações sobre seu papel, programas de atenção a ele e de estudos centrados na visão do pai a respeito de sua experiência (Barclay & Lupton, 1999; Gage & Kirk, 2002; Henwood & Procter, 2003; Draper, 2003; Rapoport, 2003; Steinberg & cols, 2000). Além disso, Draper (2003) denomina esse momento vivido pelos homens de “ritual contemporâneo da gravidez do homem” que é caracterizado não apenas pela solicitação e envolvimento do pai na gravidez e nascimento, mas por considerar sua entrada no reino feminino de cuidados físicos e emocionais à criança.

3 MÉTODO

3.1 Caracterização da pesquisa

Trata-se de uma pesquisa de levantamento de dados ou *survey* de acordo com Rauen (1999), pois objetiva solicitar informações de pessoas sobre um problema, tendo como vantagem o rápido e econômico conhecimento da realidade. Constitui-se como um estudo descritivo, o que de acordo como D'Oliveira (1984), tem como finalidade a observação e registro de eventos ocorridos. Para Rauen (1999) o estudo descritivo visa descobrir fenômenos e interpretá-los, descrevê-los e classificá-los sem, no entanto, interferir na realidade.

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de caráter qualitativo, embora se utilize em alguns momentos do método quantitativo para ressaltar e complementar os resultados obtidos. De acordo com Biasoli-Alves (1998), a pesquisa qualitativa procura apreender os significados, as falas e outros comportamentos dos sujeitos dentro de seu contexto. Este tipo de pesquisa, para a autora, leva em consideração a sua qualidade e não se propõe a atingir a representatividade. Banster, Burman, Parker, Taylor, e Tindal (1996) afirmam que a pesquisa qualitativa deve ser um estudo interpretativo e reflexivo de um tema ou problema específico, no qual o pesquisador é central para dar sentido ao que é feito.

Optou-se pela pesquisa qualitativa, pois a mesma procura ser fiel à vida cotidiana dos sujeitos, apreendendo o caráter multidimensional dos fenômenos (Biasoli-Alves, 1998). Flick (2004) ressalta a compreensão da dependência do método ao objeto de estudo. Nesse sentido, o autor afirma a relevância da pesquisa qualitativa no que se refere à pluralidade das esferas da vida, considerando o confronto de pesquisadores com tal diversidade e os incitando a utilizar estratégias indutivas.

O autor afirma ainda que a “pesquisa qualitativa é orientada para a análise de casos concretos em sua particularidade temporal e local, partindo das expressões e

atividades das pessoas em seus contextos locais” (Flick, 2004, p. 28). Minayo (2000) acrescenta que o indivíduo deve ser entendido em relação com sua condição social de determinado grupo social, suas crenças, valores e significados, indo além dos fenômenos percebidos pelos nossos sentidos.

Esta essência da pesquisa qualitativa está em consonância com as proposições de Bronfenbrenner, marco teórico do trabalho, sobre o pesquisar ecologicamente, levando em conta o contexto em que os entrevistados estarão inseridos, o tempo em que vivem e o processo de transição que os participantes vivenciaram.

3.1.1 Participantes

Foram selecionados vinte homens, residentes no município de Florianópolis. Dentre os participantes, dezesseis foram recrutados a partir do cadastro de agenciamento de participantes de grupos de assistência à gravidez realizados em hospital público. Outros quatro homens foram voluntários convidados a participar por serem conhecidos ou por indicação de algum entrevistado. Dentre os critérios de escolha dos participantes destacaram-se: todos adultos, com idade superior a vinte e três anos e que estivessem acompanhando o último trimestre de gestação da companheira (do 7º ao 9º mês). Houve uma exceção na qual se considerou um pai cuja gestação da companheira era de seis meses. Isto se deu porque não foi encontrada nenhuma particularidade que o diferenciasse das respostas dos outros participantes.

Todos os casais estavam vivendo sua primeira gestação, unidos pelo regime de conjugalidade, sendo que cinco viviam uma união consensual e quinze eram casados. A maioria (dezoito) afirmou ter um relacionamento harmônico (bom) com a companheira, descrevendo-o como ótimo, feliz, carinhoso ou cúmplice. Apenas dois homens afirmaram ter relacionamento instável, com “altos e baixos” ou julgaram sua relação conjugal “mais ou menos”.

A idade dos participantes variou entre vinte e três anos e quarenta e um anos sendo que a média foi de trinta anos, conforme pode ser visto na Figura 1.

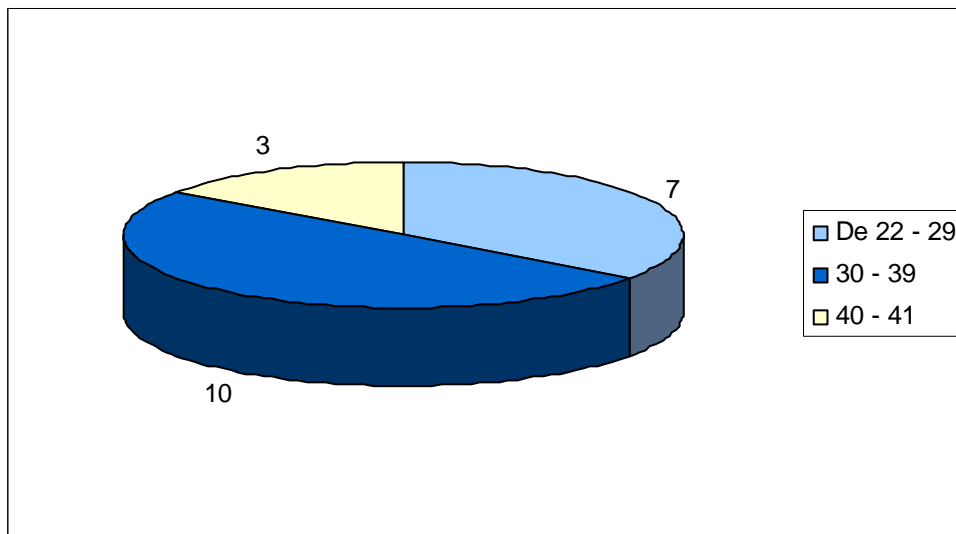


FIGURA 1. Gráfico referente à idade dos participantes

A renda dos entrevistados variou de R\$ 900,00 a R\$ 10.000,00 e a renda média foi de R\$ 3.200,00. A Figura 2 abaixo apresenta a distribuição de renda pelo número de participantes.

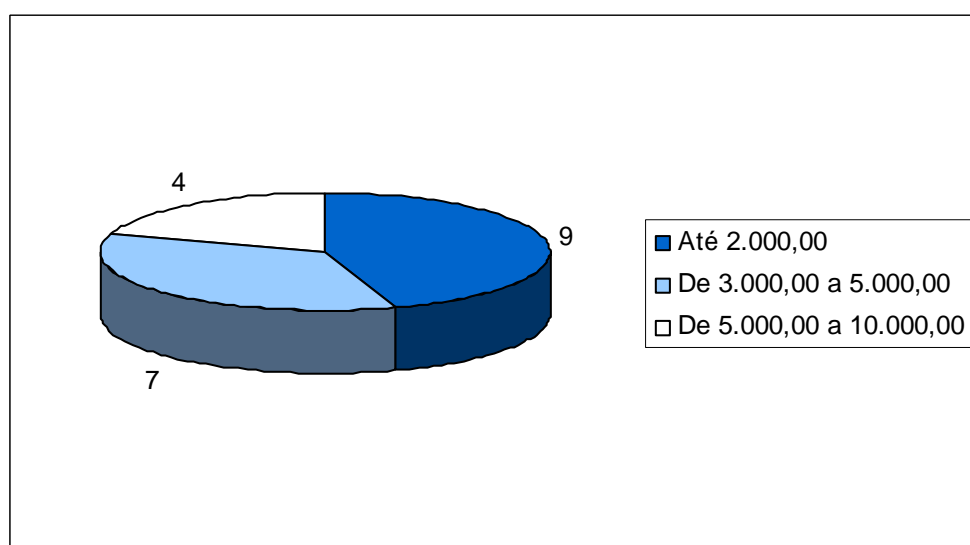


FIGURA 2. Gráfico referente à renda dos participantes

A escolaridade dos participantes variou entre segundo grau completo e pós-graduação. A distribuição por frequência é apresentada na figura a seguir.

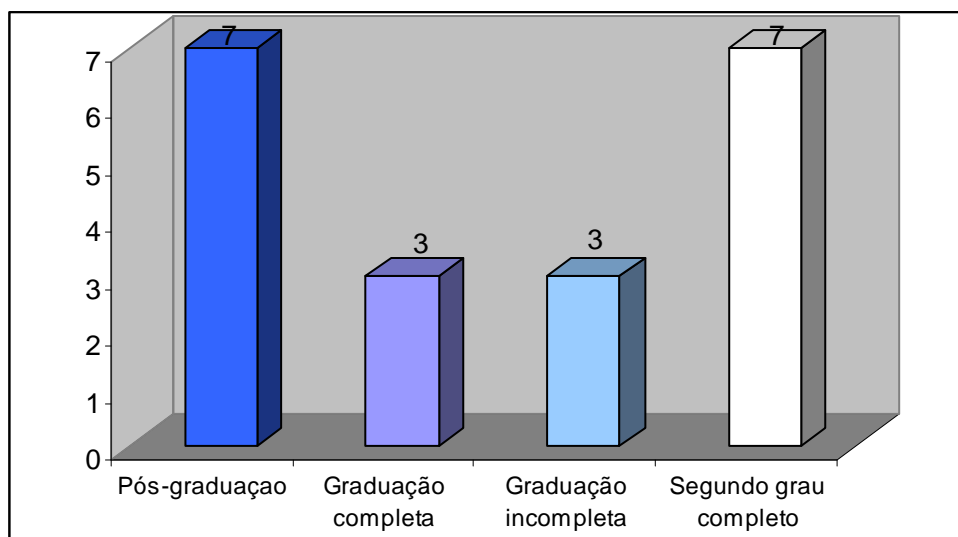


FIGURA 3. Gráfico referente à escolaridade dos participantes

As profissões dos participantes são distribuídas da seguinte forma:

Profissão
Analista de Sistemas
Monitor
Farmacêutico
Advogado
Representante Comercial
Bancário
Assistente de Gerente
Zelador
Garçom
Consultor Técnico de Pintura
Motorista
Vendedor
Assistente Social
Protético
Engenheiro Civil
Técnico Mecânico
Auxiliar Operacional
Professor Universitário

FIGURA 4. Referente às profissões dos entrevistados

3.1.2 Local

O Grupos de Casais Grávidos é uma das atividades educativas promovidas pela Maternidade do Hospital. Como indica o nome do grupo, dele participam a mulher grávida e seu marido. Este grupo ocorre com periodicidade semanal, durante oito encontros consecutivos e seu objetivo é informar e discutir questões referentes à gravidez, parto e puerpério. Outra atividade educativa também realizada pela maternidade é o denominado Grupo do Terceiro Trimestre, realizado mensalmente e cujo objetivo é o de esclarecer dúvidas quanto à gravidez e apresentar a maternidade para as gestantes. Estes contextos foram propícios para o convite formulado aos participantes.

As entrevistas se deram no domicílio dos entrevistados, na biblioteca universitária e no local de trabalho dos voluntários. A mesma foi realizada em apenas um encontro que durou em torno de duas horas.

3.1.3 Procedimento

Apesar de selecionados através da triagem do grupo de casais grávidos, procurou-se realizar as entrevistas antes que os mesmos freqüentassem o grupo. Considerou-se possível, porém entrevistá-los mesmo que tivessem participado de dois encontros no grupo. Este cuidado foi tomado para que não houvesse uma sensibilização sobre o assunto da gravidez *a priori*. No entanto, alguns pais já haviam participado de reuniões ou encontros em outros lugares, comprado livros e assistido a documentários sobre o tema, ou seja, buscaram informações sobre a gravidez durante o período gravídico.

O primeiro contato com o pai se deu por telefone, momento em que se avaliava sua disponibilidade de participar da pesquisa. Torna-se importante ressaltar que houve apenas uma recusa de um pai que afirmou não ter tempo hábil para participar.

Apenas uma entrevista foi utilizada como estudo piloto e possibilitou a realização dos ajustes considerados necessários ao roteiro de entrevista. Ressalta-se que esta entrevista não faz parte das vinte entrevistas utilizadas.

3.1.4 Cuidados éticos

O projeto de pesquisa também foi apresentado ao Comitê de Ética de Pesquisa com seres humanos e obteve resultado favorável (projeto 029/05). Os participantes foram convidados a colaborar com a pesquisa mediante assinatura de um Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE), no qual constava a finalidade e as medidas de anonimato do estudo (Apêndice A). Os mesmos foram advertidos sobre a possibilidade de desistência em qualquer momento da entrevista, bem como a possibilidade de recusa e de inexistência de danos para o mesmo. Ressalta-se também que os participantes foram identificados através de números entre um e vinte, a fim de preservar sua identidade.

3.2 Instrumentos de coleta dos dados

A coleta dos dados foi realizada através do método de observação indireta mediante a técnica de entrevista (Apêndice B) com roteiro semi-estruturado. Para avaliação do nível socioeconômico dos participantes utilizou-se a escala de avaliação do ambiente (Apêndice C) ABIPEME (Mattar, 1995).

3.2.1 Entrevista

A entrevista conforme Ghiglione e Matalon (1993) “é um encontro interpessoal que se desenrola num contexto e numa situação social determinados, implicando a presença de um profissional e um leigo” (p. 71). Nesse sentido, a entrevista de estudo não se dispõe a trazer conseqüências para o comportamento dos indivíduos e nem tampouco os entrevistados esperam quaisquer benefícios pessoais por intermédio da mesma.

Quanto à escolha de um modelo semi-estruturado, optou-se por se tratar de questões abertas e que possibilitassem o livre discurso dentro dos temas sugeridos. Além disso, Flick (2004) afirma que o uso de tal técnica pressupõe que o entrevistado possua conhecimentos sobre o tema. A entrevista transforma-se então em um diálogo entre o entrevistado e o entrevistador, sendo que a postura explicitada pelo entrevistado pode ser melhor desenvolvida conforme o entrevistador considerar pertinente.

A entrevista foi constituída de questões que se dividem em três grandes temas:

1. Inicialmente abordou-se assuntos gerais sobre o relacionamento do casal e o planejamento da gravidez como forma de aquecimento.
2. Em segundo lugar, tratou-se de temáticas sobre os sentimentos do pai frente à gravidez, suas dúvidas e experiências.
3. Por fim indagou-se sobre as ações do pai em relação ao momento vivido, como as visitas ao obstetra junto com a companheira, as mudanças nos hábitos e no ambiente doméstico.

No entanto, ressalta-se que não se seguiu uma ordem rígida na formulação das questões. As entrevistas foram gravadas em áudio-cassete e posteriormente transcritas.

A entrevista também contava com uma folha de identificação de cada participante e com a construção de um genograma familiar reduzido, cujo objetivo era obter uma informação gráfica sobre a família.

3.2.2 Escala ABIPEME

Para a avaliação do nível sócio econômico foi aplicada a escala de avaliação sócio-econômica, que consta em perguntas específicas a respeito de moradia, nível de escolaridade e renda mensal. Este critério de avaliação foi desenvolvido pela Associação Brasileira de Institutos de Pesquisa de Mercado e tem como finalidade dividir a população em categorias segundo padrões ou potenciais de consumo. A escala ou classificação socioeconômica é construída pela atribuição de pesos a um conjunto de itens de conforto doméstico e nível de escolaridade do chefe de família sendo apresentada por meio de cinco classes, denominadas A, B, C, D e E correspondendo, respectivamente, a alta, média alta, média baixa, pobre, paupérrima.

A instrução do chefe da família recebe pontuação de acordo com a escolaridade. Há uma divisão quanto aos itens de conforto sendo que alguns como carro, TV em cores, banheiro e empregada mensalista recebem pontuação dependendo da quantidade adquirida. Outros itens como aparelho de videocassete e máquina de lavar roupa, dentre outros, recebem pontuação por ausência ou presença apenas.

O gráfico abaixo apresenta os resultados encontrados através da aplicação da referida escala:

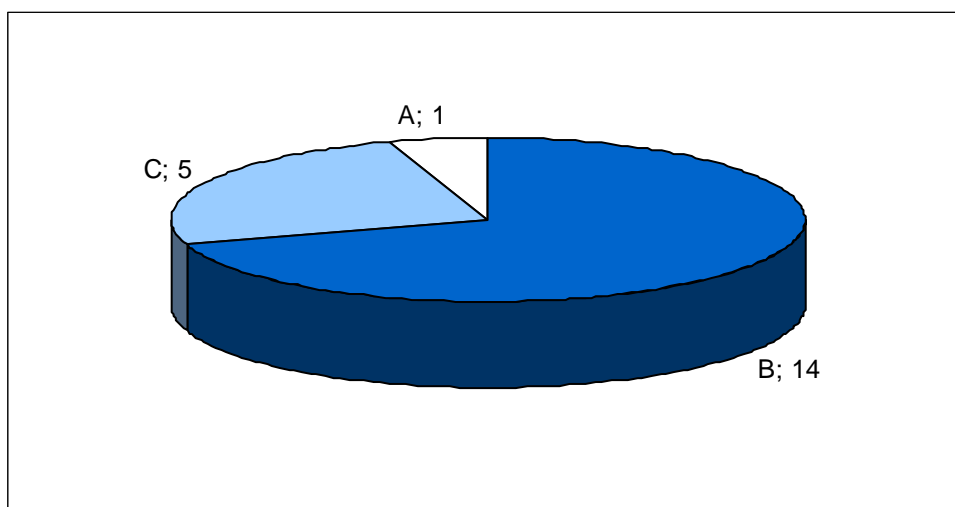


FIGURA 5. Gráfico referente às classes sociais obtidas através da escala ABIPEME

Ao se unir a renda mensal dos participantes à classificação resultante da escala ABIPEME observa-se que embora quase a metade (nove) tenha renda de até dois mil reais, ao serem considerados seus itens de consumo, os mesmos participantes pertencem à classe média alta. Mesmo com renda mensal menor que dois mil reais, apenas cinco homens compõem a classe média baixa.

3.3 Análise dos dados

Para a análise dos dados utilizou-se da técnica de análise de conteúdo do tipo categorial-temático proposta por Bardin (1977). Primeiramente utilizou-se de uma leitura flutuante das entrevistas. Este tipo de leitura, de acordo com a autora, refere-se a um primeiro contato com o documento a fim de conhecer os discursos obtendo as impressões e orientações iniciais. A seguir, separou-se os discursos de acordo com os temas abordados o que se denominou *núcleos temáticos*. A partir de leituras exaustivas do material transcrito, definiu-se como unidades de análise uma palavra, uma frase ou um parágrafo que representasse a temática. A partir do conteúdo extraído das unidades de análise estabeleceu-se categorias de análise. O processo de categorização foi organizado na seguinte ordem:

- Núcleos temáticos
- Categorias
- Subcategorias

Os núcleos temáticos referem-se ao ajuntamento de várias categorias sobre um mesmo tema. As categorias compreendem a união de várias subcategorias sobre um determinado tópico. Cada subcategoria por sua vez, refere-se ao significado de cada unidade de análise exposta pelo pai.

A construção desta composição mencionada deu-se a *posteriori*, ou seja, não houve elaboração prévia de categorias, estas foram construídas a partir do discurso

do pai¹¹ obtidos com as entrevistas. Além da exposição das categorias mencionadas optou-se por quantificá-las por n (número de participantes) e quando possível F/P (frequência de respostas). Além dessas duas opções também foi utilizado em dois casos a F/Palavra (frequência por palavra), a fim de demonstrar a representatividade de tais expressões.

Para a análise quantitativa utilizou-se o programa MS-Excel, e as categorias foram organizadas de acordo com sua frequência de ocorrência. Este programa também foi utilizado na organização da caracterização dos participantes e no processamento da escala ABIPEME.

3.3.1 Cálculo de acordo

A fim de proporcionar mais fidedignidade ao sistema de categorias foi realizado um cálculo de acordo. Foi selecionada uma amostra de 30 frases que incluiu pelo menos uma frase que representasse cada categoria. Estas frases foram escolhidas aleatoriamente e encaminhadas a dois juízes experientes no tema para codificação. Utilizou-se o cálculo de acordo obtido através da fórmula.

$$\frac{\Sigma A}{\Sigma A + \Sigma D} \times 100$$

A = Acordo
D = Desacordo

Este cálculo foi tomado emprestado do método observacional (Danna & Matos, 1996). Como resultado do cálculo obteve-se o equivalente a 85% de acordos. Este resultado indica que há confiabilidade das categorias elaboradas (Apêndice D).

¹¹ Notar que o termo pai refere-se ao homem e o termo pais ao casal.

4 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Segue abaixo o quadro geral de núcleos temáticos, categorias e subcategorias.

TABELA 1. Apresentação geral dos núcleos temáticos e categorias de análise

<i>Núcleo temático</i>	<i>Categorias</i>
Planejamento da gravidez	Planejada Não planejada e evitada Não planejada e não evitada
Mudanças trazidas pela gravidez	Mudanças físicas Mudanças emocionais Mudanças de relacionamento Mudanças de vida Mudanças de hábitos Mudanças futuras
Família de origem	Relacionamento com a família Aproximação com a família Afastamento da família Não mudou a forma de pensar na família de origem
Dúvidas durante a gravidez	Dúvidas em relação à companheira Dúvidas sobre o relacionamento do casal Dúvidas em relação à criança Não havia dúvidas Compartilhamento de dúvidas
Participação do pai	Ações direcionadas ao bebê Ações direcionadas à mãe Busca por informações Atenção ao espaço físico Acompanhamento no obstetra Participação no exame de ultra-som Iniciativa Auto-avaliação
Sentimentos e representações	Percepção e sentimentos de tornar-se pai Preparação para ser pai Representação de pai

4.1 Núcleo temático 1: Planejamento da gravidez

Refere-se à intenção prévia, ou não, de ter um filho bem como aos sentimentos do pai no momento da notícia da gravidez. O mesmo foi dividido nas seguintes categorias (Tabela 2):

TABELA 2. Frequência de ocorrência de categorias e subcategorias sobre o núcleo temático Planejamento da gravidez

<i>Categorias</i>	<i>n*</i>	<i>Subcategorias</i>	<i>F/P**</i>
Planejada	10	Feliz	3
		Inseguro	4
		Assustado	2
		Negação	1
Não planejada e evitada	4	Negação	2
		Chocado	1
		Feliz	1
Não planejada e não evitada	6	Chocado	3
		Feliz	2
		Nada	1

* Número de participantes

** Frequência de respostas

• **Gravidez planejada:** definida pelo consenso de ambos, pai e companheira sobre o acontecimento da gravidez. Engloba as subcategorias:

- **Feliz com a notícia:** menção de sentimentos positivos quanto à mesma;
- **Inseguro com a notícia:** mesmo querendo sente-se hesitante quanto a ser pai.
- **Assustado com a notícia:** apesar de ter planejado, a notícia o deixava em estado de choque.
- **Negação:** mesmo a par do resultado positivo da gravidez, não acreditava ser verdade.

Eu acho que é a hora certa para mim [...] quando aconteceu foi muito legal, maravilhoso. Eu estou assim super tranquilo, não sinto nenhum receio. (P-17)

- **Não planejada e evitada**: refere-se aos pais que não esperavam pela gravidez nesse momento de suas vidas e utilizava de algum meio contraceptivo. Quanto à reação, comporta as subcategorias:

- **Negação**: não acreditava ser verdade.
- **Chocado**: a notícia o pegou desprevenido causando sensação de espanto.
- **Feliz**: apesar de não previsto, sentia-se contente com o acontecimento.

Eu não sabia o que falar [...] como tinha dez por cento de chance de não ser... não beleza, tem dez por cento ainda. (P- 13)

- **Não planejado e não evitado**: refere-se aos pais que não planejaram a gravidez, mas também não usaram algum método contraceptivo, acreditando no acaso ou no suposto efeito prolongado dos anticoncepcionais, uma vez tendo interrompido seu uso. Compreende as subcategorias:

- **Chocado**: compreensão do acontecimento como um revés, ou seja, um evento contrário aos planos do casal.
- **Feliz**: satisfeito com a notícia.
- **Nada**: afirmaram não ter tido nenhuma manifestação emocional com o conhecimento da notícia.

Ah, foi um choque assim, porque eu não esperava né. Até que a gente acabou fazendo sem se cuidar mesmo, mas tanto eu quanto ela achávamos que ia demorar para engravidar... eu não sei por que a gente botou na cabeça que ia ser difícil. (P-02)

Constatou-se que metade dos entrevistados havia planejado a gravidez. Contudo a maioria deles relatou sentirem-se inseguros ou assustados quanto a mesma. Apenas três pessoas afirmaram ter ficado felizes com a notícia, e um pai mencionou não ter acreditado no exame. Pôde-se verificar também que alguns pais (quatro) não planejaram a gravidez e como consequência negaram a notícia ou sentiram-se

surpresos. Apenas um pai sentiu-se feliz, embora ter um filho não estivesse nos seus planos no momento atual. Apesar de não ter previsto a gravidez, seis pais afirmaram não terem tomado medidas para evitá-la, ou por deixar acontecer ou porque acreditavam que após abandonar o uso da pílula demoraria pelo menos seis meses para engravidar. Apesar de nenhum uso contraceptivo dentre esses pais, três afirmaram ter “levado um susto” ao saber da gravidez, enquanto que dois sentiram-se felizes.

4.2 Núcleo temático 2: Mudanças trazidas pela gravidez

Este núcleo compreende todas as transformações mencionadas pelo pai desde o início da gravidez e compreende também as previsões de modificações depois do nascimento do bebê. Inclui as seguintes categorias e subcategorias (Tabela 3):

TABELA 3. Frequência de ocorrência de categorias e subcategorias sobre o núcleo temático Mudanças trazidas pela gravidez

<i>Tema</i>	<i>Categorias</i>	<i>n*</i>	<i>Subcategorias</i>	<i>F/R**</i>
Mudanças trazidas pela gravidez	Mudanças físicas	10	Peso	05
			Doença	04
			Enjôo	03
			Desejos	02
	Mudanças emocionais	17	Intensificação de sentimentos positivos	10
			Aumento da sensibilidade	03
			Questionamentos	02
			Tristeza	02
			Mudanças de relacionamento	18
	Sexualidade	08		
	Transformação da imagem da mulher	06		
	Sentimento de união com a companheira	06		
	Tratamento do casal	06		
	Mudanças de vida	18	Dificuldades no relacionamento	06
			Não houve	02
			Prioridades	07
Responsabilidade			06	
Concepção de mundo			03	

<i>Tema</i>	<i>Categorias</i>	<i>n*</i>	<i>Subcategorias</i>	<i>F/R**</i>
			Profissão	02
	Mudanças de hábitos	16	Exclusão de atividades de lazer	11
			Alimentação	09
			Cuidados	06
			Vícios	02
	Mudanças futuras	16	Cuidados parentais	06
			Cotidiano	05
			Transformação familiar	04
			Obrigações	03
			Administração do tempo	03
			Objetivos	02
			Profissão no futuro	02

* Número de participantes

** Frequência de respostas

• **Mudanças físicas:** refere-se às modificações corporais apresentadas pelo pai durante os meses de gestação e que segundo o mesmo, estão relacionadas com o momento que está vivendo. Esta categoria é dividida nas seguintes subcategorias:

- **Peso:** aumento ou decréscimo de massa corporal desde que tomaram conhecimento da notícia.

- **Doença:** surgimento ou desaparecimento de enfermidades correlacionadas pelo pai à gravidez, tais como bruxismo, pressão alta, dor de dente e tendinite.

- **Enjôos:** indica sensação de náuseas pelo pai semelhante aquela que a mulher sentia.

- **Desejos:** referente à vontade do pai de ingerir alimentos desusados para o mesmo até o momento.

Eu comia bastante; eu sentida todos os desejos que ela sentia; eu fiquei grávido; eu tinha desejos de coisas muito doidas. (P-10)

• **Mudanças emocionais:** concernente às transformações afetivas do pai em decorrência da gravidez. Inclui as subcategorias:

- **Intensificação de sentimentos positivos:** descrita como aumento de sentimentos de amor e alegria.

- **Aumento de sensibilidade:** diz respeito à intensificação da emotividade do pai.

- **Questionamentos:** apresenta maior número de indagações perante a vida.

- **Tristeza:** refere-se ao sentimento de abatimento por causa dos compromissos que acompanham a gestação e o nascimento.

Emocional [...] eu sou um cara mais amável; eu to sendo mais divertido, mais alegre, enfim, eu sempre ganho um sorriso. (P-13)

• **Mudanças de relacionamento:** esta categoria faz alusão às modificações ocorridas no âmbito da conjugalidade. Compreende as seguintes subcategorias:

- **Atenção à companheira:** caracterizada pelo sentimento de maior prudência do pai em relação à companheira, no sentido de prestar mais cuidado, atenção e carinho à mesma.

- **Sexualidade:** define-se pela presença de dificuldades na relação íntima do casal.

- **Transformação da imagem da mulher:** diz respeito à alteração da forma de enxergar a mulher por causa da gravidez.

- **Sentimento de união com a companheira:** indica a aproximação do casal ou fortalecimento do relacionamento.

- **Tratamento do casal:** relativo a um maior zelo entre ambos os cônjuges bem como as mudanças no chamamento do casal.

- **Dificuldades de relacionamento:** mencionada pelos pais como acréscimo de desentendimentos entre o casal.

- **Não houve:** ausência de modificação na relação conjugal.

Acho que o nosso relacionamento está mais forte... o sexo só que me é estranho... a frequência sexual diminui um pouco. Não sei se é porque a gente vê a mulher como mãe... mistura, entende; Como também fica limitado por causa da barriga... será que está incomodando? será? fica um negócio assim meio estranho... não tem nada haver com o corpo; Realmente eu acho que ela está mais bonita assim... eu acho que é tipo a natureza dizendo: dá uma segurada nesse teu lado ai porque agora é mãe, agora tem que priorizar o outro lado. (P-04)

- **Mudanças de vida**: categoria alusiva às modificações ocorridas depois da notícia da gravidez e que se referem aos aspectos mais gerais da vida do pai; exclui aspectos emocionais, físicos e relacionais. Inclui as subcategorias:

- **Prioridades**: indica alteração de interesses ou de foco na vida do pai

- **Responsabilidades**: aumento de obrigações ou preocupações com o processo no qual está inserido.

- **Concepção de mundo**: refere-se às menções do pai sobre as mudanças não específicas na forma de perceber ou avaliar o mundo no seu sentido mais amplo.

- **Profissão**: envolve as relações com o trabalho, ou de maior empenho a este ou de abandono dos estudos para designar mais tempo para o acompanhamento da gravidez.

[...] muda a forma de ver o mundo... mas ao mesmo tempo você prioriza outras coisas, você se preocupa com coisas que você não se preocupava antes, não dava tanta atenção, no sentido de garantir que não falte nada. (P -18)

- **Mudanças de hábitos**: esta categoria sugere alterações na rotina do pai, tanto no que diz respeito a atividades individuais como algumas realizadas em conjunto com a companheira. Compreende as subcategorias:

- **Exclusão de atividades de lazer**: renúncia de algumas atividades consideradas prazerosas, pela impossibilidade física da gestante, como o uso de álcool ou longas caminhadas ou lugares tidos como inadequados a uma gestante em função de barulho ou porque pode causar algum risco à mulher.

- **Alimentação**: alterações alimentares sofridas pelo pai em decorrência de recomendações de dietas as quais a companheira deve seguir.

- **Cuidados**: refere-se ao empenho do pai de estar mais atento para situações que possam causar algum dano à companheira ou simplesmente incômodo, como trânsito, vícios ou ruídos excessivos.

- **Vícios**: preocupação do pai em abandonar o fumo ou de não o fazer no mesmo ambiente físico no qual a mãe se encontra.

A gente tinha o costume de todo final de semana tomar vinho, abrir uma garrafa e conversar. Isso era muito gostoso. Agora é água, suco. [...] alimentar mudou um pouco, por causa da dieta dela, tem que comer mais verdura. (P - 14)

- **Mudanças futuras:** consiste nas expectativas do pai sobre as modificações em sua vida após o nascimento do bebê.

- **Cuidados parentais:** consciência da disponibilidade de cuidado que deverá ser oferecida ao bebê.

- **Cotidiano:** possibilidade de mudanças de hábitos com o nascimento, como sono, alimentação e outros fatores relacionados à rotina familiar.

- **Transformação familiar:** diz respeito à perspectiva de modificações na dinâmica familiar, causadas pela reorganização dos membros, com a inclusão de um terceiro e formação da tríade pai-mãe-filho.

- **Obrigações:** menção do pai à probabilidade do aumento de responsabilidades ou preocupações com a chegada do primeiro filho.

- **Administração do tempo:** expectativa do pai de alterações em seu cronograma de atividades a fim de poderem designar mais tempo ao filho.

- **Objetivos:** perspectiva de que seus interesses sejam mais voltados ao filho.

- **Profissão no futuro:** menção do pai sobre a possibilidade de mudanças profissionais depois do nascimento.

Acho que vai mudar muito [...] a rotina, [...] vai ter que ficar ali com o teu filho [...] então com certeza vai mudar. (P -06)

De acordo com os resultados obtidos foi possível observar a presença de **mudanças físicas** do pai com a gravidez, como o aumento de peso, doenças relacionadas à tensão como pressão alta e bruxismo ou mesmo dor de dente. Observou-se também as alterações comuns às gestantes como o desejo de alimentos não usuais e os enjôos.

Com relação às **mudanças emocionais** apresentadas pelo pai destacaram-se aquelas relacionadas à intensificação de sentimentos positivos, como se encontrarem mais amorosos, carinhosos ou simplesmente mais felizes. Também se observou o aumento de sensibilidade relatado como: 'estar mais chorão' ou 'mais emotivo'.

Apenas dois pais mencionaram acréscimo de dúvidas frente ao mundo, e o mesmo número acredita estar mais triste, relatando sofrimento ou abatimento com a gravidez.

Quanto às **mudanças de relacionamento** constatou-se que a subcategoria mais citada foi o aumento da atenção à companheira, procurando entendê-la, protegê-la e zelar por ela. Também foi expressiva a subcategoria correspondente à sexualidade do casal, sentida agora como estranha, queda de libido e de frequência de relações, incluindo abstinência. As transformações do corpo como a influência de outro padrão de beleza foi mencionada. Alguns pais justificaram esse sentimento pela interferência da natureza, resguardando o bebê da sexualidade dos pais ou mesmo como se o corpo da mãe fosse “um santuário” no momento.

Os entrevistados também citaram a alteração da imagem da companheira no sentido de mudança na forma de ver a mulher, não somente fisicamente, mas, sobretudo, emocionalmente, notando-a como mãe, e não somente como mulher. Em alguns casos observou-se a cisão entre mulher e mãe, explicitada pelo pai como “não a vejo como mulher agora, agora ela é mãe”.

Sobre as **mudanças de vida**, verificou-se a presença da alteração de prioridades já que o foco não é mais o trabalho, ou somente a relação do casal, mas a atenção ao filho que está a caminho. O aumento de responsabilidades foi expressivo, considerando que um filho acarreta em maior preocupação e compromisso. Outro aspecto observado foi as mudanças gerais descritas como, “uma nova forma de ver o mundo”, ou de “ficar imaginando o futuro”. Pôde-se verificar também uma preocupação com o trabalho a fim de poder proporcionar sustento ao filho.

Referente às **mudanças de hábitos**, constatou-se que a maioria dizia respeito à exclusão de atividades de lazer como realização de caminhadas ou trilhas, uso frequente de vinho ou afastamento de alguns amigos. Ainda optaram por abdicar de alguns passeios devido ao meio de locomoção, deixaram de ir a alguns lugares como restaurantes com muito barulho ou cigarro. Também relevantes foram as alterações alimentares obtidas através de recomendações médicas para a esposa, ou mesmo pelo desejo de obter uma dieta mais saudável com o consumo de verduras e legumes. Nota-se que esses pais aderiram a tal dieta com o intuito de acompanhar a mulher. Os participantes também afirmaram tomar alguns cuidados com a mulher, como cuidado no trânsito para não assustá-la; no tratamento da mulher, com o volume do aparelho

de televisão, e para não fumar no mesmo ambiente. Também se constatou a supressão de vícios como fumo.

O último item correspondente às mudanças refere-se à **perspectiva futura** e tem como componente mais expressivo a disponibilidade para dar cuidado para o bebê, descrito como “será mais uma pessoa para cuidar”, “vou querer cuidar dele” ou “vai ter que ficar com o filho”. Também houve a crença de mudanças no cotidiano, como rotina de sono, alimentação e limitação de ações por causa do filho. Além disso, a inserção de um terceiro na relação diádica proporcionaria mudanças, já que haveria três pessoas em casa. Ainda, os pais referiram como passíveis de mudança as responsabilidades e a administração do tempo, desejando se programar para poder dar mais atenção para a família. Alguns deles, inclusive, mencionaram se dedicar mais ao trabalho no momento atual para poder ter esse tempo extra no futuro, como pôde ser visto na subcategoria mudança profissional. Os entrevistados também citaram a mudança de prioridades já que para eles tudo será realizado em função do bebê no futuro.

4.3 Núcleo temático 3: Família de origem

O tema refere-se à ligação do pai com sua família de origem¹², o que pode acarretar uma reaproximação, ou não, em relação à mesma. Para compor este núcleo encontram-se as categorias e subcategorias apresentadas na tabela a seguir.

¹² Inclui pai, mãe, irmãos, ou ainda outros membros da família extensa, como tios, primos, sobrinhos, etc., ou seja, pessoas da primeira e segunda geração.

TABELA 4. Frequência de ocorrência de categorias e subcategorias, sobre o núcleo temático Família de origem

<i>Categorias</i>	<i>n*</i>	<i>Subcategorias</i>	<i>F/R**</i>
Relacionamento com a família de origem	20	Difícil	04
		Bom – monoparental	02
		Bom – família nuclear – pais presentes	06
		Bom – família nuclear – pai provedor/mãe cuidadora	08
Aproximação com a família de origem	15	Reavaliação da educação recebida	10
		Satisfeito se fizer parecido com os pais	05
		Aproximou a família	05
		Saudades da mãe	03
		Coloca-se no lugar do pai	02
Afastamento da família de origem	2	—	
Não mudou a forma de pensar na família de origem	3	—	

* Número de participantes

** Frequência de respostas

• **Relacionamento com a família de origem:** esta categoria descreve o relacionamento dos entrevistados com a sua família de origem.

- **Difícil:** refere-se a uma relação difícil com pelo menos um dos pais.

- **Bom – monoparental:** diz respeito a um bom relacionamento com a família, e sentimento de união com a mãe e irmãos em casos de ausência do pai por abandono.

- **Bom – família nuclear – pais presentes:** refere-se ao pai que relatou possuir bom relacionamento com a família, na qual ambos os pais estiveram presentes em sua educação.

- **Bom – família nuclear – pai provedor/mãe cuidadora:** bom relacionamento com a família de origem, mesmo que esta repita o modelo tradicional.

A gente é super-unido. A gente vem de uma família onde se preza esse negócio de almoçar sempre junto, de ver os avós, em comunhão com os tios [...]. (P -20)

- **Aproximação da família de origem**: relato sobre a intensificação do seu relacionamento com a família de origem, ainda que seja de forma ideativa. Compreende as subcategorias:

- **Reavaliação da educação recebida**: reflexão sobre a forma como foi criado, e o seu desejo de repetir essa instrução com seu filho.

- **Satisfação em fazer parecido com os pais**: sentimento do pai de realização ao conseguir alcançar os mesmos resultados que o seu pai.

- **Busca pela família**: consiste no desejo de rever mais frequentemente a família de origem.

- **Saudades da mãe**: indica o pesar do pai pela ausência da sua própria mãe e a necessidade de aproximação com a mesma.

- **Coloca-se no lugar do pai**: descrito como a possibilidade de experienciar o outro lado da relação pai-filho.

Tenho, tenho sim (pensado mais na família de origem), [...] era isso que estava passando na minha cabeça. Eu estava deixando de ser filho para ser pai. Voltou uma questão de gratidão de todo caminho. [...] foi muito bacana conversar com os dois, ver o que está acontecendo, ver os meus pais envelhecendo que é uma coisa, pai e mãe já em outra fase [...] ai fizemos uma festa. Então eu tenho pensado muito na minha historia familiar, troquei e-mails inclusive com o meu irmão sobre isso, nossa estrutura familiar, o que o pai e mãe nos proporcionaram, foi uma choradeira [...] respeito é uma coisa que sempre teve lá em casa, acho que admiração, porque tu começa fazer o contexto da batalha, entender o que significa ter filho, acho que também é uma coisa [...] entender o outro lado da relação. Nem nasceu a G. e eu já entendi isso. E aí vem tudo junto assim, admiração, respeito, gratidão, amor mesmo, puxa vida, saudade. (P-11)

- **Afastamento da família de origem**: refere-se ao pai que afirmou distanciar-se da família de origem, procurando ocupar seu tempo com sua mulher e filho.

Tenho lembrado menos. Eu ia lá. Agora com ela grávida eu fico mais com ela. Às vezes a gente ia lá visitar, ficava um dois dias. Agora não. Fico mais com ela e com a criança. (P-07)

- **Não mudou a forma de pensar na família de origem**: relativo às relações pai-família que não se modificaram durante o processo de gravidez, continuando como sempre foi.

Não, porque foi assim sempre. Sempre me veio na cabeça minha forma de criação, como eu fui criado. Mas isso foi uma coisa sempre constante, não é de agora. É claro algumas coisas que foram feitas para mim eu não quero fazer pros meus filhos, [...] então eu sempre pensei ah, eu faço isso porque minha mãe me educou assim, ou meu pai, essas coisas. (P- 03)

O relacionamento do pai com sua família de origem foi considerado bom pela maioria dos participantes. Dentre estes, dois relataram fazer parte de famílias monoparentais, onde apenas a mãe era responsável pelos filhos. Os 14 restantes descreveram sua família como tradicional. Contudo, oito deles afirmaram ter tido a mãe presente nos cuidados, enquanto o pai saía para trabalhar e os outros seis afirmaram ter a atenção de pai e da mãe igualmente nos cuidados.

Por fim, quatro participantes mencionaram possuir relacionamento difícil com seus próprios pais. É importante salientar que todos que mencionaram este conteúdo referiram ter pai alcoólatra.

A maioria dos participantes (15) afirmou ter se aproximado da família de origem. Quando questionados a respeito dos motivos e contexto dessa **aproximação**, a resposta mais freqüente foi aquela relacionada à reavaliação da educação recebida, no sentido de educar como foi educado, fazer igual ao que gostava e diferente do que não gostava, ou ainda, poder dar a educação que não pôde receber.

Dentre os entrevistados, cinco participantes remeteram-se à família de origem no sentido de almejar alcançar a educação que recebeu, avaliando-a como muito boa e demonstrando gratidão pelos pais. Pôde-se observar também que a gravidez trouxe para alguns homens a aproximação com a família, descrita pela presença de telefonemas mais constantes, ou pela vontade mais freqüente do pai de estar com a família. O pensamento recorrente sobre a família de origem também foi apresentado como uma forma de saudade da mãe, como observado em três relatos, que afirmaram querer mais a atenção da mesma, ou sentirem muita falta nesse momento da mãe já falecida.

Outra forma de aproximação foi relatada pelo sentimento de maior empatia dos entrevistados por seu próprio pai, pois alguns deles afirmaram já sentir o que o pai sentia, e entender agora as atitudes do próprio pai no seu exercício da paternidade.

Observou-se que apenas duas pessoas relataram ter se afastado da família de origem para se dedicar mais a família que estavam construindo. Enquanto que mais dois afirmaram não ter mudado nada, já que eram muito apegados. Um pai mencionou ser um pouco distante da família, mas acreditava que iria mudar depois do nascimento, pois precisaria da mesma.

4.4 Núcleo temático 4: Dúvidas durante a gravidez

Este tema diz respeito às dúvidas surgidas com a gravidez, que foram divididas em três categorias conforme a tabela a seguir.

TABELA 5. Frequência de ocorrência de categorias e subcategorias concernentes ao núcleo temático Dúvidas durante a gravidez

<i>Categorias</i>	<i>n*</i>	<i>Subcategorias</i>	<i>F/R**</i>
Dúvidas em relação à companheira	07	Labilidade emocional da companheira	5
		Preocupação com o bem-estar da companheira	2
Dúvidas sobre o relacionamento do casal	05	—	5
Dúvidas em relação à criança	10	Questões biológicas da criança	4
		Sobre as dificuldades com a criança	4
		Parto	2
Compartilhamento de dúvidas	17	Sim	11
		Às vezes	03
		Raramente	03
Não havia dúvidas	03	Não havia dúvidas	03

* Número de participantes

** Frequência de respostas

- **Dúvidas em relação à companheira**: refere-se aos questionamentos sobre as mudanças de comportamento da companheira, bem como às indagações sobre a forma de agir com a mesma por causa dessas mudanças. Essa categoria engloba as subcategorias:

- **Labilidade emocional**: inclui o aumento da sensibilidade e oscilações de humor da mulher em decorrência da gravidez.

- **Preocupação com o bem-estar da companheira**: empenho do pai para proporcionar maior atenção à mesma.

Dúvida sempre aparece [...] isso até me abalou um pouco assim estruturalmente, porque ela ficou bastante sensível, ela mudou bastante [...] de vez em quando ela chora, eu acho que estou prejudicando ela, mas daí eu descobri que é por causa da gravidez, eu vi que ela teve essas mudanças e foram bem fortes. (P- 05)

- **Dúvidas sobre o relacionamento do casal**: diz respeito às apreensões do pai com a possibilidade de transformações no atual relacionamento após o nascimento da criança.

Eu penso na reação dela depois que nascer [...] dizem que a mulher fica um pouco estressada, não quer nem ver o marido [...] a gente fica assim, o que é que vai ser a reação dela, como vai ser, se vai mudar a relação, se não vai [...] se vai mudar alguma coisa com relação aos sentimentos ou mudar o relacionamento. P- 09

- **Dúvidas em relação à criança**: define-se por quaisquer indagações do pai sobre o bebê, tanto no que diz respeito ao seu desenvolvimento na gravidez, quanto seu tratamento ou cuidados depois do nascimento. A mesma categoria comporta as subcategorias:

- **Biologia da criança**: sobre a fisiologia do bebê e desenvolvimento da gravidez.

- **Dificuldades com a criança**: inquietação quanto à capacidade de cuidado do filho.

- **Parto**: apreensão quanto ao momento do nascimento.

Teve bastantes dúvidas, mas a gente ta com médicos muito bons... mais sobre a fisiologia do bebê, e da J por consequência, mais no aspecto sexual que houve um choque. P- 18

- **Compartilhamento de dúvidas**: capacidade do pai de dividir suas dúvidas e apreensões referentes a todos os aspectos com a companheira.

A gente ta sempre conversando, assim sobre a gravidez, como vai ser depois, [...] pra se ajudar, pra não dá nenhum tipo de estresse entre o casal por causa da gravidez, por causa de cuidar do neném. (P- 16)

Com relação a este tema, 17 pais mencionaram dúvidas trazidas pela gravidez, sendo que a maioria delas refere-se àquelas **em relação à criança** como o desenvolvimento do bebê, o andamento normal da gravidez, as preocupações com o cuidado do bebê ou mesmo os medos quanto ao nascimento. Também houve hesitações quanto **à relação com a companheira**, principalmente no que diz respeito às oscilações do humor, e a possibilidade de ser um problema conjugal independente da situação da gravidez. Outro fator preocupante aos pais foi a possibilidade de transformações na relação conjugal com a chegada do bebê, como a divisão da atenção, a perda de liberdade e o relacionamento sexual. Por fim, três pais mencionaram não possuir nenhum tipo de dúvida no momento atual ou anterior da gravidez.

Quanto ao compartilhar dessas dúvidas, mais da metade dos homens relatou dividir as mesmas com a companheira, enquanto que três em apenas algumas situações e o os outros três afirmaram ser fechados ou raramente comentar suas dúvidas.

4.5 Núcleo temático 5: Participação do pai

Este núcleo remete-se às ações do pai relativas à situação de gravidez. Abrange as categorias subseqüentes:

TABELA 6. Frequência de ocorrência de categorias e subcategorias sobre o núcleo temático Participação do pai

<i>Categorias</i>	<i>n*</i>	<i>Subcategorias</i>	<i>F/R**</i>
Ações direcionadas ao bebê	20	Demonstração de afeto ao bebê	16
		Aquisições para o bebê	8
Ações direcionadas à mãe	20	Atenção ao bem-estar da mãe	18
		Alimentação	4
		Presença no processo	6
Busca por informações	9	Informar-se sobre o estado da mulher	
Atenção ao espaço físico	20	Atividades domésticas	7
		Preocupação com o ambiente	3
		Construção do quarto do bebê	20
Acompanhamento no obstetra	20	Sempre - Participação ativa	11
		Sempre - Como ouvinte	1
		Às vezes - Participação ativa	3
		Às vezes - Como ouvinte	3
		Não vai	2
Participação no exame de ultra-som	18	Relatam participar	11
		Relatam participar e demonstram entusiasmo com o exame	07
Iniciativa	12	Iniciativa do pai	
	3	Iniciativa da mãe	
	5	Misto de ambos	
Auto-avaliação	11	Satisfeito	
	3	Poderia dar mais atenção	
	4	Queria ter designado mais tempo	
	2	Não satisfeito	

* Número de participantes

** Frequência de respostas

- **Ações direcionadas ao bebê:** faz referência às atividades que o pai desenvolve e que tem como foco a criança que nascerá. Inclui as subcategorias:

- **Demonstração de afeto ao bebê:** ação do pai que demonstra afeição ao bebê como conversar com a barriga ou cantar para o bebê.

- **Aquisições para o bebê:** participação do pai na compra de produtos para o bebê adquirindo os utensílios ou fazendo sugestões para a mãe.

Eu toco musica para ele ouvir, acaricio, sito os movimentos dele, sorrio, choro. (P-18)

- **Ações direcionadas à mãe:** cuidados prestados à esposa com a intenção de proporcionar comodidade e acolhimento à mesma. Inclui as subcategorias:

- **Atenção ao bem-estar da mãe:** empenho do pai em agradar a companheira a fim de proporcionar-lhe um ambiente harmonioso para torná-la tranqüila e feliz durante a gravidez.

- **Alimentação:** atenção do pai à alimentação da esposa, cozinhando ou acompanhando a mesma nas suas refeições.

- **Presença no processo:** diz respeito à menção do pai de considerar-se presente no processo, acompanhando sempre a esposa.

[...] é bem cuidadosa, é bem presente, porque eu to sempre me preocupando com ela, eu penso no bem-estar dela, no bem-estar do meu filho [...] principalmente ta de bem com a vida. A gente sai para passear, ela sente vontades, eu procuro estar sempre fazendo as vontades dela para que ela se sinta bem. (P-05)

- **Busca por informações:** iniciativa do pai em realizar pesquisas sobre a gravidez em geral, ou mesmo sobre as salas de parto e maternidades.

- **Informar-se sobre o estado físico da mulher:** busca ativa do pai em inteirar-se da situação da mulher, assim como conhecer o local em que o parto será realizado.

Queria ver como é que funcionava o parto humanizado, eu fui lá, participei de reuniões para saber, e gostei muito [...]. (P-15)

- **Atenção ao espaço físico:** sugere a colaboração do pai “**nos cuidados com a casa**” e com a construção do espaço físico futuro do bebê. Inclui tanto os trabalhos manuais, opiniões, sugestões e financiamento.

- **Atividades domésticas:** atividades assumidas pelo pai, quer seja em sua totalidade ou parcialmente, com a intenção de poupar a companheira.

- **Preocupação com o ambiente:** empenho do pai em melhorar o ambiente para a chegada do bebê. Compreende a melhoria da casa como um todo, ou meios de transporte.

- **Construção do quarto para o bebê:** indica o comprometimento do pai com o espaço físico do bebê, sob a forma de construção, pintura, idéias ou apoio financeiro.

Estamos construindo um quarto, [...] esta quase terminado, o quarto esta pintado, o berço montadinho. Não diretamente, mas sim acordar mais cedo para ir atrás do pedreiro, de sair do serviço para compra material. (P - 18)

• **Acompanhamento de consultas:** companhia do pai nos encontros médicos e exames da companheira. Inclui também a participação ativa ou não dos mesmos nas consultas.

- **Sempre – Participação ativa:** refere-se ao pai que relatou sempre acompanhar a esposa nas consultas e tomar parte da mesma, fazendo perguntas e comentários.

- **Sempre – Ouvinte:** inclui o pai que apesar de acompanhar a mulher em todas as consultas costumavam apenas ouvir as recomendações sem tecer qualquer comentário.

- **Às vezes – Participação ativa:** diz respeito aos homens que relataram ir pelo menos uma vez na consulta e acompanhar constantemente os exames. Inclui também aqueles que apesar de não acompanharem todos os encontros com o médico relataram sanar todas as suas dúvidas no decorrer da consulta.

- **Às vezes – Ouvinte:** referente aos homens que relataram ir pelo menos uma vez na consulta e acompanhar constantemente os exames sem, contudo realizar comentários ou tirar dúvidas.

- **Não vai:** relativo ao pai que afirmou nunca acompanhar a mulher nas consultas médicas.

[...] eu faço minha agenda de forma que eu possa [...] eu fui a todas as consultas, pré-natal a gente participou de todos, a gente fez junto. (P - 17)

- **Participação no exame de ultra-som**: acompanhamento do pai na situação de ultra-som. Inclui:

- **Participação**: acompanhamento frequente do pai no ultra-som mesmo que tenha ido a apenas uma consulta.

- **Participação com entusiasmo**: relato sobre o acompanhamento aos ultra-sons no qual o mesmo foi permeado de emoção e sentimento de satisfação.

Não perdi uma sessão, e o ultra-som que é uma coisa espetacular, te joga a atenção no processo verdadeiro que é a tua filha que está ali [...] é muito doido porque já dá para ver bem, daí assim, cai a ficha. (P-11)

- **Iniciativa**: diz respeito à ação do pai em se incluir nas atividades relativas à gravidez ou de ser incluído pela esposa.

- **Iniciativa do pai**: sugere empreendimento do pai em participar da gravidez e preparativos para o bebê.

- **Iniciativa da esposa**: refere-se ao empenho da esposa em incluir o pai nos assuntos concernentes ao bebê.

- **Iniciativa de ambos**: compartilhamento do casal sobre a importância da inclusão do pai no preparo da chegada do bebê e atenção à gravidez.

Faço por iniciativa minha mesmo, algumas vezes faço quando ela tem necessidade, claro, nada mais do que dizer e falar para gente saber e se ela não falar a gente não tem como descobrir. (P -05)

- **Auto-avaliação**: julgamentos do pai sobre sua própria atuação durante a gravidez.

- **Satisfeito**: avaliação positiva sobre si mesmo na participação durante a gravidez.

- **Poderia dar mais atenção**: refere-se ao pesar do pai por não ter dado atenção suficiente à companheira ou à gravidez como um todo, considerando sua participação deficitária.

- **Queria ter designado mais tempo:** refere-se à consternação do pai por não ter tido tempo suficiente para a companheira ou para cuidar da gravidez.

- **Não satisfeito:** insatisfação quanto sua participação na gravidez.

Eu não estou satisfeito. Tem muita coisa por fazer que eu não consigo [...] o fato de eu me sobrecarregar traz um empecilho, eu chego em casa de noite tropeçando nas pernas, caindo já. Ao vou tomar banho, daí a B pede um carinho, imagina ela ta carente, ela precisa, ai eu chego na cama me arrastando. (P-13)

Sobre as ações realizadas durante a gravidez, o pai referiu tanto as práticas relacionadas à mãe, quanto à criança e ao espaço físico. Quanto à **atenção ao bebê**, a maioria dos homens considerou participar da gravidez, o fato de conversar com a barriga, acariciá-la ou mesmo cantar e colocar música para o bebê.

Em relação às **ações direcionadas a mãe** verificou-se uma expressiva preocupação do pai em proporcionar conforto e carinho para a companheira, procurando entendê-la, ouvi-la, conversar, levá-la para passear, deixá-la mais livre para realizar seus desejos e fazer favores. Também se observou uma preocupação com a alimentação da companheira, demonstrando um cuidado em preparar refeições preferidas pela mulher ou acompanhá-la em suas restrições alimentares. Por fim, os entrevistados também mencionaram sua permanência junto da mulher, acompanhando-a em suas atividades e interagindo-se de tudo o que diz respeito ao momento que estão vivendo.

Outra menção importante de 9 participantes, foi a **busca por informações** sobre o bebê e a mulher, como a aquisição de livros e revistas direcionadas ao assunto, a procura por orientação de pessoas mais experientes, e a visita a salas de parto, hospitais e maternidades.

Quanto à **atenção ao ambiente** constatou-se como mais significativo para o pai a construção do quarto do bebê, mencionada por quase todos como forma de participação. A mesma refere-se tanto a construção com as próprias mãos, pesquisa de preços, ou apresentação de idéias, e execução das idéias da mãe, quanto a iniciativa de pagar pelo serviço prestado por terceiros como pintor ou arquiteta. Em 9 casos verificou-se uma preocupação com as atividades domésticas, tarefa assumida pelo pai parcialmente ou em sua totalidade a fim de preservar a mãe do bebê.

Outra preocupação direciona-se ao ambiente em que vivem, modificado em função da situação como mudança de casa, troca de veículo de transporte ou mesmo a assunção de toda a responsabilidade financeira da casa para poupar a mulher desta preocupação.

O acompanhamento a consultas também foi incluído no tema participação do pai. Mais da metade afirmou acompanhar as consultas médicas de sua mulher, e participar ativamente da mesma fazendo colocações que julgavam importante. A razão para tal esforço deveu-se ao fato de considerar importante aquele momento, por considerar-se questionador, por não ter vergonha de perguntar mesmo que suas dúvidas lhe parecessem tolas, porque acreditava deixar a mulher mais tranqüila, porque a médica os amparava ou porque para ele, os dois estavam grávidos. Apenas 1 pai mencionou acompanhar sempre a mãe mas colocar-se como ouvinte, justificando sua ação pelo fato da médica fornecer informações suficientes.

Outros acompanharam as consultas apenas algumas vezes alegando falta de tempo ou quando a mulher reclamava sua presença, mas quando presentes participavam ativamente. Outros ainda, acompanharam poucas vezes a esposa, mas não fizeram nenhum comentário, por desconsiderar a situação como importante, ou como um evento do universo feminino. No total, apenas 2 pais afirmaram não acompanhar a mulher em situação nenhuma de consulta, exceto ultra-som por não terem tempo ou não gostar de médico.

Em relação a participação no exame de ultrassonografia, embora a maioria o tivesse assistido, apenas 7 demonstraram euforia com a experiência, considerada emocionante e diferente da consulta, que na maioria das vezes é voltada somente para a mulher. Contudo, o pai vê nesta experiência, a concretização da paternidade, já que o possibilita ver o bebê, e assim, 'a ficha cai'.

Sobre a **iniciativa** de contribuir nas ações que configuram a sua participação, o pai refere, em sua maioria, que o faz por vontade própria, porque gosta de estar informado, ou porque atribui esta função ao papel de pai.

Dentre os participantes, 5 relataram haver uma composição entre seu empenho e o esforço da gestante de incluí-los informando-os sobre tudo o que acontece e da importância de sua colaboração. Em 3 casos constatou-se que todas as ações realizadas pelo pai devem-se ao intenso trabalho de persuasão da esposa.

Para finalizar este tema, os participantes foram convidados a comentar a respeito de sua satisfação quanto sua atuação frente às ações mencionadas. Percebeu-se que pouco mais da metade deles sentiam-se satisfeitos com seu desempenho já que acreditam “ter feito tudo o que podiam”, “não poderiam ter feito mais” ou consideram sua participação como “ótima”. Quatro participantes consideraram-se pouco satisfeitos, pois gostariam de ter tido mais tempo para a mulher e para os preparativos da criança. Mais 3 participantes disseram que gostariam de ter dado mais atenção à companheira sendo mais carinhosos ou conversando mais. Apenas 2 homens se auto-denominaram insatisfeitos com sua tarefa porque se consideravam preguiçoso e portanto não colaboraram o suficiente ou porque nunca estão satisfeitos com nada que fazem.

4.6 Núcleo temático 6: Sentimentos e representações

Este núcleo compreende os afetos e percepções relatadas pelo pai em relação ao momento atual, na investigação de seu estado emocional, bem como a representação que possui sobre o que é ser pai. As respostas podem ser visualizadas na tabela a seguir.

TABELA 7. Frequência de ocorrência de categorias relativas ao tema Transição para a parentalidade

<i>Categorias</i>	<i>Subcategorias</i>	<i>n*</i>	<i>F/R**</i>
Percepção e sentimentos de tornar-se pai	Conotação positiva	10	
	Conotação negativa	4	
	Mistura de conotações	6	
Preparação para ser pai	Emocionalmente preparado		07
	Financeiramente preparado	12	06
	Preparação para promover o desenvolvimento da criança		12
	Não está preparado	6	
	Não sabe	2	

<i>Categorias</i>	<i>Subcategorias</i>	<i>n*</i>	<i>F/R**</i>
Representação de pai ¹³			

* Número de participantes

** Frequência de respostas

• **Percepção e sentimentos do tornar-se pai:** refere-se às demonstrações emocionais e opiniões a respeito do momento que estão experienciando. Compreende as seguintes subcategorias:

- **Conotação positiva:** sentimentos e percepções do pai traduzidas sob a forma de satisfação e alegria.

- **Conotação negativa:** emoções que demonstram alguma insatisfação ou dificuldade do pai em lidar com as modificações do momento em que vive.

- **Mistura de conotações:** envolve o pai que relataram possuir tanto emoções boas e agradáveis quanto pesadas em relação a gravidez.

Eu me sinto bem e às vezes **preocupado**, acho que nós pais que não temos o filho dentro, nos preocupa mais quando ele vai sair. É uma sensação muito exótica, muito interessante, porque ela é que está sentindo tudo e ela simplesmente diz “arranha por dentro” e aí vamos imaginar o que é arranhar por dentro. P- 03

• **Preparação para ser pai:** diz respeito a auto-avaliação sobre seu preparo para a paternidade.

- **Emocionalmente preparado:** percepção do pai de possuir maturidade emocional para ser pai, inclui desde desejar profundamente o filho, até denominar-se psicologicamente disponível.

¹³ A categoria representação de pai foi analisada a partir da frequência de palavras, o que será apontado a seguir.

- **Financeiramente preparado:** condições econômicas para sustentar um filho podendo proporcionar conforto além de satisfazer suas necessidades básicas.

- **Preparação para promover o desenvolvimento da criança:** responsabilidade suficiente para dar amor, educação e formação, fornecendo o suporte necessário para o desenvolvimento de um ser humano.

- **Não está preparado:** auto-percepção sobre a falta de condições necessárias para ser pai.

- **Não sabe:** crença de que terá certeza de sua preparação a partir da experiência, ou seja, após o nascimento do filho.

[...] operacionalmente eu não me sinto preparado. Eu tenho dificuldade de botar a cadeirinha no carro, trocar de lugar, de abrir o carrinho [...] mas eu me sinto preparado para ser pai no sentido maior, de fornecer condições que um ser humano precisa para se formar um adulto e depois ser uma pessoa de valor [...] eu incluo aí condições financeiras [...] condições principalmente de maturidade dos pais [...]. Tem um aspecto que eu acho que passou da hora, que eu espero compensar com outras coisas que é a energia, energia física. (P- 11)

• **Representação de pai:** papel atribuído a figura de pai tendo como referência a família de origem, crenças e convicções, ou seja, trata-se da concepção geral sobre paternidade, e não apenas uma auto-avaliação dos próprios sentimentos.

Com relação aos sentimentos e percepções de tornar-se pai, optou-se também por realizar uma análise de frequência de ocorrência de palavras, consideradas recorrentes e que pareciam traduzir expectativas sobre a tarefa desenvolvimental da transição para a parentalidade. Ressalta-se que as palavras foram apresentadas neste trabalho tal qual utilizadas pelo pai. Faz-se necessário assinalar que este recurso foi também utilizado na categoria **Representação de pai**.

TABELA 8. Apresentação dos elementos concernentes às percepções e sentimentos dos participantes sobre o que é ser pai no momento atual de suas vidas.

<i>Percepções e sentimentos de conotação positiva*</i>	<i>F/R**</i>	<i>Percepções e sentimentos de conotação negativa*</i>	<i>F/R</i>
Feliz	13	Responsabilidade	10

<i>Percepções e sentimentos de conotação positiva*</i>	<i>F/R**</i>	<i>Percepções e sentimentos de conotação negativa*</i>	<i>F/R</i>
Sente-se pai	06	Preocupado	07
Tranqüilidade	05	Frustrado	02
Desejo	05	Abdicar	02
Expectativa	05	Irresponsável	02
Dar	05	Assustado	02
Mudança	05	Exigência	02
Realizado	05	Inseguro	01
Bom	05	Ausente	01
Momento certo	04	Culpado	01
Ensinar	04	Atarefado	01
Planejamento	03	Nervoso	01
Maravilhoso	03	Complicado	01
Protetor	02		
Experiência nova	02		
Satisfeito	02		
Sem explicação	01		
Completude	01		
Imaginar	01		
Ótimo	01		
Superação	01		
Maturidade	01		

* Esta conotação positiva ou negativa foi abstraída considerando-se o contexto da entrevista como um todo.

** Frequência de respostas.

Na maioria dos casos, as percepções e os sentimentos sobre si mesmo em função da gravidez foram positivos e descritos como alegria, tranqüilidade, realização de um desejo e pela emoção de já se sentirem pais, possuindo amor pela criança.

Também foi expressiva a mistura de sentimentos, considerando aqueles de conotação positiva como alegria, satisfação, completude, mas também muita responsabilidade explicitada como preocupação e medo. Três pais aludiram apenas aspectos negativos como frustração de planos com a gravidez, como sendo um momento complicado da sua vida, ou como sentir-se muito irresponsável ainda para ser pai.

A mistura de sentimentos acima mencionada pode ser confirmada através da análise de palavras. As mais citadas em ordem de ocorrência são: feliz, responsabilidade, preocupado e já sentir-se pai. Considerou-se como mais importantes aquelas mencionadas pelo menos cinco vezes e portanto, inclui-se

também as palavras: tranqüilidade, desejo, expectativa, dar, mudança, realizado e bom; todas conotativamente positivas.

Relativo à preparação para ser pai, 12 homens avaliam-se preparados para serem pais, principalmente no sentido de oferecer condições para formar um adulto, o que inclui ser maturo e responsável para poder dar exemplo, dar educação no sentido de formação de personalidade e escolar, e dar amor. Também se pôde constatar que alguns homens (7), sentem-se emocionalmente preparados o que é descrito como psicologicamente preparados ou preparados em termos de sentimentos. Dentre os participantes, seis afirmaram considerar-se financeiramente preparados, o que inclui ter dinheiro para alimentar e dar conforto. Em relação à preparação ainda, seis participantes consideraram-se não preparados para a paternidade, considerando ser muita responsabilidade, não saber lidar com as dificuldades ou por avaliar-se muito novo. Também foi mencionado nunca estar preparado ou ninguém está para tal tarefa até que ela aconteça. Por fim, dois participantes disseram não saber se estão preparados, relatando só poderem responder a esta pergunta após o nascimento.

Na categoria **Representação de pai**, que será apresentada a seguir, optou-se por realizar apenas análise de palavras proferidas pelos participantes, considerando-se a imensa gama de combinações possíveis, dificultando a construção de subcategorias. A tabela abaixo apresenta os aspectos encontrados que refletem a idéia de pai para os participantes:

TABELA 9. Apresentação dos elementos concernentes à representação de pai, mencionadas pelos participantes

<i>Representação de pai</i>	<i>F/Palavra*</i>	<i>n*</i>
Responsabilidade	24	09
Orientador	06	06
Educador	05	05
Amigo	05	03
Apoio	05	02
Cuidar	04	
Dar amor	04	
Melhorar o casamento	04	
Completude	03	
Financeiro	03	
Transmitir experiência	03	
Receber um presente	03	
Realização	02	

<i>Representação de pai</i>	<i>F/Palavra*</i>	<i>n*</i>
Alegria	02	
Viver para o filho	02	
Exemplo	02	
Confiança	02	
Mudança	01	
Tudo	01	
Dádiva	01	
Promover felicidade	01	
Preocupação	01	

* Frequência de ocorrência de palavras

** Número de participantes

Primeiro lugar, especial, é você se sentir responsável não só pela criação, mas pela educação desse novo ser, do seu bem estar. É um presente também, muda a forma de ver o mundo, [...] mas por outro lado é uma grande responsabilidade, financeira, [...] o filho faz com que você saia do seu mundo de estagnação [...] para o filho você quer o excelente [...] ele vem para trazer incomodação, mas vem para trazer superação. (P- 18)

Pôde-se perceber que a palavra que mais representa a paternidade para o pai é a *responsabilidade*, citada por nove dos entrevistados e dentro de seus discursos, mencionada 24 vezes. Esta responsabilidade é explicitada na seguinte ordem: responsabilidade educacional primeiramente, seguido por financeira, promoção do desenvolvimento, suporte emocional para a criança, e por último, de ser o exemplo.

A segunda representação mencionada em maior número de vezes foi pai como *orientador*, considerado aquele que aconselha, é o norte. Esta palavra foi mencionada por seis dos 20 entrevistados. Também se destacaram as palavras *educador amigo e apoio*, mencionadas por cinco, três e dois homens respectivamente, porém citadas cinco vezes por cada um dos participantes.

5 DISCUSSÃO

As transições são consideradas processos de longa duração. Estes processos resultam numa reorganização psicológica e comportamental (Cowan, 1991). Essas modificações internas interferem na visão de mundo, dos papéis, dos relacionamentos interpessoais e de afetos.

A experiência de tornar-se pai, que caracteriza o início da transição para a parentalidade vivida pelos entrevistados é definida por Bronfenbrenner (2002) como a transição ecológica, que se refere às mudanças de papel vividas pelos entrevistados nesta pesquisa.

A partir dos resultados, pôde-se constatar a importância do contexto na construção da paternidade, levando-se em conta os diversos sistemas nos quais os participantes estavam inseridos. Esta constatação se deve à verificação da importância da relação do pai com a companheira, as suas representações de pai e a influência da família de origem, que permearam o discurso do pai na pesquisa como um todo (Bowen, 1991; Carter & McGoldrick, 2001), além, obviamente, do contexto sócio-cultural no qual estão inseridos, ou seja, camadas médias urbanas.

Uma vez que a pesquisa ecológica considera os processos como flexíveis e em constante interação entre si, em alguns momentos tornou-se difícil a elaboração de categorias cujos temas pareciam imbricar-se uns nos outros. Esta dificuldade também se estende à discussão dos resultados já que, é quase impossível estudar a independência e singularidade das temáticas, tendo em vista sua estreita inter-relação.

Ao avaliar os resultados como um todo se pode afirmar que houve três elementos que estiveram no discurso do pai ao longo de quase todas as entrevistas. Os elementos mencionados foram: *as mudanças decorrentes da gravidez*, *as dúvidas decorrentes da gravidez*, e *a ambivalência afetiva* que considera a satisfação versus a responsabilidade de se tornar pai. No entanto, a fim de facilitar a discussão dos resultados optou-se por apresentar os núcleos temáticos separadamente. Ressalta-se

que tal divisão é apenas didática, pois a interação entre eles é inevitável, profícua, e importante, considerando-se a teoria que embasa o trabalho.

5.1 Planejamento da gravidez

Sabe-se haver ainda discordância entre os autores quanto ao início da transição para a parentalidade. Alguns como Menezes (2001) afirmam que este processo se inicia antes mesmo da gravidez, com a decisão ou possibilidade de se ter um filho. Cowan e cols (1991), porém, afirmam não haver essa demarcação nítida, pois o início e fim desta transição varia de pessoa para pessoa. O desejo de ter um filho e assim iniciar o processo de parentalidade conforme Menezes (2001) foi relatado por metade dos participantes. No entanto, apenas três deles denominaram-se felizes com o acontecimento. A maioria julgou-se inseguro, assustado ou mesmo negou a notícia, acreditando num falso resultado.

Assim, parece que o início da transição à parentalidade é mesmo a concepção, pois, os homens entrevistados passaram a preocupar-se com o evento, além de engajar-se nas atividades preparativas para a chegada do filho, como se pôde constatar na descrição nos resultados.

A reação dos entrevistados com o conhecimento da gravidez variou, encontrando-se alegria, medo e também sua negação. Conforme Draper (2002) o início da gravidez é um momento de distância do pai com a criança, já que para ele, a existência do bebê, ainda é um tanto irreal, o que possibilita a intensificação da ambigüidade que estará presente em todo o processo (Gage & Kirk, 2002).

5.2 Mudanças trazidas pela gravidez

Cowan e cols (1991) já haviam ressaltado que a gravidez suscita transformações em diversos domínios da vida. Esta colocação foi confirmada pelos resultados já que

as mudanças foram assuntos recorrentes durante o discurso. Constatou-se que as principais transformações foram aquelas voltadas ao *relacionamento do casal*, particularmente a atenção à companheira. Esses achados são compatíveis com as afirmações de Parke (1996) e Benvenuti e cols (1995), no que se refere à possibilidade do pai se voltar para a mulher, a fim de prestar a ela maior atenção. A esse respeito ainda, Bradt (1995) e Bowen (1991) e Cowan e cols (1991) e Carter e McGoldrick (1995) referem à importância do preparo de ambos, homem e mulher, para as transformações na esfera conjugal.

A preocupação com a esposa e o envolvimento do pai nos hábitos desta, na atenção e cuidados com ela, designando-lhe mais carinho, ativam os processos proximais com a mulher, incrementando a relação do casal. Por outro lado, o próprio interesse do pai pelo bem-estar da mulher, que é descrito como um efeito direto na relação do casal (Lewis & Feiring, 1998), ou efeito de segunda ordem de acordo com Bronfenbrenner (2002), provoca um efeito indireto no cuidado à criança, e pode-se dizer, ativa também, os processos proximais entre pai e criança, que é um motor fundamental para o desenvolvimento dela e dele próprio na esfera paterna (Bronfenbrenner, 1990).

Ter um filho é uma condição distinta para homem e a mulher (Bradt, 1995; Szejer & Stewart, 1997), com implicações também distintas para ambos, já que a vivência do homem é mais abstrata do que a experiência concreta da mulher. Apesar desta diferenciação, pôde-se ouvir relatos sobre a melhora na relação do casal e intensificação do sentimento de união. Esse fato condiz com as afirmações de Cowan e cols (1991) no que se refere às diversas possibilidades de vivência conjugal na gravidez, experienciada por alguns homens como um momento difícil e conturbado, e por outros como uma experiência de aproximação e carinho com a esposa.

Por outro lado, apesar de avaliar-se como mais sensível e disponível para a mulher, os homens assinalam uma transformação na sexualidade do casal, sendo que mais da metade dos participantes relataram queda na intensidade dessas relações. Os mesmos justificaram esse fato por acreditarem num efeito da natureza que resulta “minimização dos instintos”, assim chamados pelos entrevistados, a fim de não prejudicar a criança. Alguns afirmaram não deixar de se sentirem atraídos pela mulher, mas simplesmente não pensar em sexo com a mesma intensidade de antes.

Outros, porém afirmaram não se sentirem atraídos pela estética de uma mulher grávida.

Este fato indica uma cisão entre a figura de mulher e da figura de mãe, esta última representada como divina e intocável. Então, há não apenas uma revisão da própria identidade do homem conforme salienta Cowan (1991), mas também uma redefinição da identidade da companheira, que passa a representar duas formas de afeto, o afeto sexual e o afeto materno.

A este respeito, ainda, autores como Belsky e cols (1993) e Cowan e cols (1991) e Cowan e Hetherington (1991) relatam que com a gravidez e o nascimento do filho há uma queda na satisfação marital e sexual. Dentre as justificativas para essa propensão encontram-se a falta de privacidade do casal, pela presença da criança, e o redirecionamento de energia afetiva, ou seja, uma redistribuição do afeto entre a esposa e o filho, que são na verdade, de naturezas diferentes. Pôde-se verificar então que já há na gravidez reclamações a esse respeito e, o redirecionamento de energia é apontado sob a forma de *mudança de foco*. Assim, pelo menos durante a gravidez, acredita-se numa maior importância desse redirecionamento de energia em detrimento da hipótese de falta de privacidade, visto que a mesma é descartada neste trabalho, pois a criança ainda está no ventre.

Portanto, constata-se que houve modificações conjugais em diversas esferas. Estas modificações podem ser avaliadas de forma positiva, como maior sentimento de união e amor, mas também negativamente, pela labilidade da mulher e a insatisfação conjugal. Contudo, de forma geral, os homens relatam satisfação quanto ao casamento. Achados como estes são importantes, pois autores como Cowan e cols (1991) acreditam que o bom funcionamento do homem e mulher enquanto casal, acarretará em melhor adaptação à parentalidade visto haver uma continuidade no ajustamento dos pais no casamento e na paternidade.

As mudanças emocionais referem-se principalmente ao aumento de sentimentos positivos. Cowan (1988) incorpora essa intensificação afetiva ao desenvolvimento de maturidade, principalmente por sua relação com o auto-conceito e com o senso de identidade que possibilita maior empatia e percepção das necessidades alheias. Esse sentimento também pode estar relacionado a outro conceito exposto por Cowan (1988) que é o de desenvolvimento de competências, e pontualmente à regulação de

emoções, através do qual o homem pode fornecer suporte emocional à companheira, bem como o compromisso de maior engajamento.

As modificações físicas, relatadas por metade dos participantes, incluíram aumento de peso, doenças, enjôos e desejos, o que evidencia uma identificação ou o envolvimento emocional com a puérpera (Parseval, 1986; Brazelton & Cramer, 1992; Maldonado, 1976). Outras modificações citadas por Parke (1986) e Benvenuti e cols (1995), também foram observadas como o interesse e a busca de informações sobre o assunto da gravidez.

As mudanças de vida, relatadas pelos homens tratam, principalmente, sobre a alteração de prioridades. A mudança que abrange a vida, como um todo, é explicada por Cowan e cols (1991) no sentido de que há um redirecionamento de energia, como se viu acima. Portanto, já na gestação e não apenas depois do nascimento do bebê constatou-se este redirecionamento, pois as prioridades do pai não se voltaram somente para o casal e suas necessidades individuais, mas também passam a ser redefinidas em prol desse novo ser.

A expectativa de mudanças no futuro é apontada de diversas formas como: os cuidados parentais, com o cotidiano, com as transformações familiares e obrigações, relativas a esfera familiar ou profissional. Embora quase todos os homens afirmassem ter uma relação marital satisfatória, havia uma inquietação quanto a possíveis mudanças, também nesse âmbito. Assim, a preocupação do pai que compreende diferentes contextos é anunciada já na gravidez.

Se por um lado, esta apreensão pode trazer uma expectativa negativa sobre o futuro, por outro pode preparar o homem para possíveis dificuldades. A esse respeito Barclay e Lupton (1999) ressaltaram que mesmo aqueles homens que consideraram a gravidez como satisfatória no primeiro momento, compreenderam que o período posterior ao nascimento do filho é mais difícil do que o imaginado, julgando-o insatisfatório e frustrante.

Assim sendo assegura-se que as mudanças que ocorrem com a gravidez estão atreladas a variados domínios do conceito de maturidade. A capacidade dos participantes de ver a vida de forma diferente é definida por Cowan e cols (1991) como a ampliação da perspectiva, que é um dos componentes do desenvolvimento da maturidade. Também o cuidado à companheira só é possível através da regulação de emoções, outro elemento participante na definição do conceito. Além disso, também

se observou o aperfeiçoamento do compromisso, que se refere ao engajamento do pai no processo de gravidez como um todo, o que poderá se constatar posteriormente na discussão da temática **ações do pai**. Portanto, pode-se dizer que com a gravidez, houve um avanço na maturidade visto o aperfeiçoamento dessas competências acima citadas, o que confirma os achados de Cowan (1988).

5.3 Família de origem

Constatou-se que houve em geral uma aproximação em relação à família de origem do pai, especialmente no que se refere à educação recebida. Muitos dos comportamentos adultos são resultados dos modelos observados durante a infância conforme ressaltam Cabrera e cols (2000) e Menezes (2001). Há consonância dos autores no que se refere às influências do início da vida, como norteadoras da experiência da paternidade, especialmente as relações primárias (Belsky, Spanier, & Rovine, 1993; Minuchin, 1982; Menezes, 2001). Em quase todos os casos ocorreu, a partir da gravidez, um maior envolvimento do pai com sua família de origem, seja através de aproximação física, como pelo incremento dos contatos diários, ou no aumento deste envolvimento através do exercício de pensar sobre ela.

Parke (1986) afirma a necessidade de alguns homens de buscar contato com o pai e principalmente com a mãe, o que foi visto em três casos específicos nos quais a mãe era ausente. Afirmações como essas possibilitam atentar para o imperativo dos homens de carência afetiva e maior sensibilidade, o que comumente é aceito em relação às puérperas que costumam reclamar a presença da própria mãe (Maldonado 1976, Klaus & Kennel, 1993). Além disso, a capacidade de se colocar no lugar de pai, citada por alguns entrevistados, confere-lhes a mudança de papel, exemplificando a transição pela qual estão passando.

Por outro lado também foi possível verificar um padrão de repetição quanto a forma como o pai foi criado e sua aspiração por criar o filho da mesma forma, já que demonstram satisfação a respeito da criação recebida e sentem-se contentes com o trabalho feito por sua família de origem. Essa tendência à repetição de padrões

absorvidos está conectada à representação de paternidade (Trindade, 1993), questão que será discutida adiante.

Certamente, a forma como o pai foi criado terá implicações tanto para a criação do filho quanto para o ajuste matrimonial. Belsky e Russell (1985), afirmam que as discordâncias maritais são mais intensas para os homens que recordam não terem recebido uma criação calorosa e encorajadora, principalmente quando os indivíduos também recordavam a relação matrimonial de seus próprios pais como não sendo harmoniosa.

5.4 Dúvidas sobre a gravidez

Pode-se afirmar que para o pai participante desta pesquisa, a gravidez é descrita como um momento de inúmeras dúvidas. Diversos autores (Bruist, Morse, & Durkin, 2002; Brazelton, 1988; Klaus & Kennel, 1993; Maldonado, 1976; Gage & Kirk, 2002), assinalam as dificuldades encontradas pelo pai nesse momento, dificultando o seu ajuste para a paternidade.

Dentre todas as dúvidas relatadas as mais incisivas foram aquelas direcionadas à criança, principalmente sobre a saúde e cuidados com o bebê. Autores como Bradt (1995) e Bronfenbrenner (2002) atribuem esta preocupação à inexperiência do pai para as necessidades do bebê.

Sabe-se que o apoio do pai à gestante e também à puérpera favorece o vínculo mãe-criança e auxilia a mulher nos cuidados com o bebê. Contudo ele próprio também necessita de apoio, tendo em vista suas próprias necessidades sócio-afetivas. Por outro lado, verificou-se a preocupação do pai em fornecer o cuidado à criança, já que o mesmo julga-se pouco provido de conhecimentos no aspecto de cuidados.

Trindade (1993) afirma que dificuldades como estas estão ligadas à divisão dos papéis sexuais, principalmente porque a responsabilidade pelo cuidado e o incremento dos vínculos familiares são responsabilidades femininas ainda no século XXI, ficando os homens alijados de tais habilidades.

Outro elemento examinado refere-se à labilidade emocional da esposa (Brazelton, 1988). Tais preocupações eram demonstradas sempre na forma de culpa e dúvidas

sobre o estado da mulher, evidenciando a interferência da gravidez na vida do casal (Cowan & cols, 1991), não somente após o nascimento, mas precocemente desde o início da gestação.

5.5 Participação de pai

O núcleo participação do pai indica as ações para o bebê e para a gestante de forma concreta. As categorias “ações direcionadas ao bebê”, “ações direcionadas à mãe do bebê” e “atenção ao espaço físico do bebê”, foram citadas como igualmente importantes para a maioria dos homens.

Dentre as ações direcionadas à criança, foram citadas as demonstrações de afeto. Tal envolvimento caracteriza a ligação entre pai-bebê desde a gravidez e o engajamento do pai (Draper, 2003; Henwood & Procter, 2003; Barclay & Lupton, 1999). Como extensão desse envolvimento, encontra-se a atenção dirigida à mãe também mencionada. Autores como Bronfenbrenner (2002), Parker e cols. (1979) e Gage e Kirk (2002) afirmam a importância do acolhimento do pai à gestante, o que garante um melhor envolvimento da mesma com o bebê e melhora na qualidade da relação marital.

A atenção ao espaço físico pode ser avaliada sob duas óticas. Enquanto que a construção do quarto do bebê pode ser uma demonstração da tradicional divisão de tarefas pai e mãe, por outro lado descreve a possibilidade concreta do envolvimento e engajamento do pai em processos proximais. Além disso, o cuidado com as tarefas domésticas demonstra que, apesar dos modelos tradicionais segundo os quais foi educado, o homem pode contribuir, e os padrões humanos são mutáveis e dinâmicos visto sua constante evolução (Bronfenbrenner & Evans, 2000). Na verdade, pode-se dizer que a participação do pai não é apenas uma contribuição para a esposa e o filho, mas um exercício efetivo de engajamento em atividades que se prestam a configurar a transformação de suas funções na família, como co-partícipe no cuidado e educação do filho e na vida privada com todas as suas exigências.

A maioria dos homens descreveu as consultas médicas como um momento importante, no qual há esclarecimento de dúvidas e de contato com a gravidez.

Alguns entrevistados mencionaram não considerar importante visto que se tratava de um momento dirigido à mulher, onde acabavam excluídos, levando em conta a diferenciação pai/mãe. Estas afirmações confirmam os dados encontrados por Steinberg e cols (2000) e Brazelton e Cramer (1992) sobre a expectativa do pai de que a consulta se trata de uma avaliação mais física da gestante. Serafim (1999) afirma que na prática profissional de assistência a gestantes, o foco é a mulher, sendo o pai privado dessa experiência.

Mesmo para os homens que consideraram importante a consulta médica, o exame de ultrasonografia teve um valor específico. Esse momento foi citado como a primeira experiência da gravidez em sua forma concreta, colaborando para a aproximação do pai de um processo orgânico exterior ao seu corpo (Brazelton, 1988; Barclay & Lupton, 1999). Alguns participantes relataram somente tomar consciência da gravidez, ou “cair a ficha” de sua concretude após esse exame, pois ao ver a imagem do bebê foi possível a eles conceber um corpo e ouvir as batidas do coração independente do da mãe (Draper, 2002).

No que se refere a auto-avaliação, onze homens consideraram-se satisfeitos com sua atuação perante a gravidez. No entanto, os restantes estavam insatisfeitos em algum aspecto, já que acreditavam poder dar mais atenção, ou precisar de mais tempo, o que confirma o conflito do homem em reorganizar suas prioridades. Cowan (1988) ressalta que a auto-estima é um componente importante, visto que possibilita uma avaliação real de si.

Acredita-se que a disponibilidade de envolvimento do pai deu-se talvez pelo conhecimento do mesmo sobre sua importância enquanto pai (Menezes, 2001). Sugere-se que tal conhecimento deve-se às características dos participantes que possuíam dentre outros atributos, nível de escolaridade privilegiado, sendo que o menor grau de instrução foi o segundo grau completo.

5.6 Representação e sentimentos da paternidade

Mais da metade dos participantes afirmou estar preparado para o advento da paternidade. Esta preparação foi mencionada especialmente no que refere à

promoção do desenvolvimento da criança, no sentido de dar amor e educação. Tal afirmação parece se distanciar dos moldes tradicionais de pai, como aquele provedor e quase que unicamente preocupado com o aspecto financeiro.

Rezende e Alonso (1995) assumem o modelo da nova paternidade, na qual o pai está mais engajado no cuidado e nas relações afetivas com os filhos. Pôde-se constatar, através do contato com o pai entrevistado e, a partir da ênfase que implementou no seu discurso, que parecem demonstrar tanto preocupação quanto empenho em realizar um bom trabalho como pai. Apesar de alguns estudos (Rezende & Alonso, 1995; Maridaki-Kassotaki, 2000) citarem a não valorização do homem pela mulher no cuidado à criança ou à casa, observou-se nesta pesquisa que embora a maioria dos homens afirmasse ser sua a iniciativa de envolvimento, foi possível observar também um comprometimento mútuo de homem e mulher no sentido de ambos procurarem se inserir e inserir o outro nessas tarefas.

Constatou-se uma ambigüidade do homem com relação aos sentimentos de tornar-se pai. Esse momento foi descrito ao mesmo tempo como uma ocasião provocadora de alegria e satisfação permeadas pelo peso da responsabilidade. Essa oscilação afetiva faz com que haja um retorno para a ambivalência, já observada anteriormente, no planejamento da gravidez.

A ambivalência vivida por esses homens que, assim como as mulheres, oscilam entre momentos de aceitação e de despreparo perante a gravidez, é apontada por autores como Klaus e Kennel (1993), Brazelton (1988) e Maldonado (1976). A ambivalência pode ser originária também das incontroláveis mudanças nas diversas esferas da vida do pai, seja social, psicológica e mesmo física (Cerveny *et al.*, 1997; Menezes, 2001; Minuchin, 1982). A necessidade de adaptação oriunda da imensa gama de transformações mencionadas pelo pai pode intensificar a sua oscilação afetiva e incitar suas dúvidas.

Referente à responsabilidade, mencionada como um dos sentimentos frequentes de tornar-se pai, acredita-se estar agregada ao papel de pai radicado pela cultura ocidental, como modelo moral e de provedor (Bronstein, 1988; Trindade 1993; Bronfenbrenner, 2002). Essa questão é intensificada com a representação de pai, já que uma das palavras mais citadas foi *responsabilidade*, sobretudo, a responsabilidade financeira. Nesse sentido, embora os homens relatem seu desejo de

dar amor e exemplo para o filho, o modelo de pai provedor ainda é um de seus valores primordiais.

Foi possível observar, também, no âmbito das representações, a preocupação em ser o educador, orientador, além de suporte financeiro. Trindade (1993) avaliou pais de baixa renda, e observou que os sujeitos tinham como principal representação, o pai provedor como concretização da identidade masculina. Observou-se que há uma variação dos homens entrevistados pela autora daqueles pesquisados neste trabalho visto haver considerações do pai além, daquelas que o colocam como provedor. Uma das hipóteses para essa diferença de concepção pode ser o nível sócio-econômico dos mesmos, o que diverge do estudo realizado por Trindade (1993). Além disso, a autora acrescenta que assumir o modelo tradicional não significa afirmar um distanciamento emocional e afetivo já que há várias formas de se demonstrar este o envolvimento afetivo.

Enfim, constatou-se no trabalho como um todo, uma alteração de ações, pensamentos e sentimentos do pai ao longo da gravidez. Esta alteração pode, de acordo com Bronfenbrenner (2002) estar relacionada ao desenvolvimento de atividade molar, visto ter provocado alterações internas e manifestações de crescimento psicológico.

Verificou-se também que não houve uma ligação entre o não planejamento da gravidez e o envolvimento do pai no processo. Isto pode ser constatado porque as ansiedades referidas pelo pai, que planeja a gravidez, foram as mesmas relatadas por aqueles que foram surpreendidos com a notícia. Também não houve uma ligação entre gravidez não planejada e o sentimento de preparação para o nascimento do filho, nem tampouco alguma correlação com as ações exercidas pelo pai. Sugere-se que o fato de ser uma gravidez indesejada, não condiciona o pai a se colocar distante, ou pouco envolvido emocionalmente com o bebê. Acredita-se que o desenvolvimento do papel de pai inicia sua construção ao longo da gravidez, a qual contribui para a preparação das suas futuras tarefas.

Encontrou-se também que quase todos os homens relataram ter um casamento satisfatório, sendo que apenas dois relataram consideraram sua união instável. Procurou-se estabelecer uma relação entre insatisfação conjugal e participação do pai e observou-se que desses dois homens, um não parece se envolver emocionalmente com o bebê, não acompanha as consultas e exames ao mesmo tempo em que relata

sentimento de tristeza e abatimento. O outro pai participa às vezes das consultas, é atento ao bem-estar da mãe e sente-se mais feliz e amoroso com a gravidez. Assim pode-se dizer que o casamento satisfatório pode mesmo contribuir para a participação do pai conforme (Belsky e cols, 1985), no entanto, não há como fazer uma inferência de que a não satisfação marital dificulte o envolvimento do pai já que seria necessário obter uma amostra maior para que se estude este aspecto mais atentamente.

Ressalta-se, por conseguinte, a importância das redes de apoio que acolham o pai no momento do nascimento (Dessen & Braz, 2000). Serafim (1999) afirma que o cuidado ao pai é uma proteção para mãe e bebê já que é denominado de efeito de segunda ordem (Bronfenbrenner, 2002). A inexperiência do pai corrobora para o estabelecimento de dúvidas e conflitos durante a gravidez. Trindade (1993) ressalta a necessidade do apoio mútuo de pai e mãe para amenizar esses questionamentos e também para suavizar as discrepâncias no cuidado à criança. Assim essa tarefa é facilitada na medida em que duas pessoas a realizam em conjunto, ao mesmo tempo em que tendem a desenvolver sentimentos mais duradouros uma em relação à outra (Bronfenbrenner, 2002).

Pode-se dizer, portanto, que no geral, os participantes desta pesquisa são engajados na gravidez como um todo. Isso os remete a uma característica generativa de pessoa, visto sua disposição em envolver-se, conforme descrito por Bronfenbrenner e Morris (1998). Esse engajamento do pai é avaliado de forma positiva para o desenvolvimento, sobretudo porque resulta na aquisição de competências e habilidades já que se trata de um processo proximal de grande intensidade (Bronfenbrenner & Ceci, 1994). Ainda presume-se que o engajamento irá favorecer também no futuro os processos proximais com o filho e esposa, como já se discutiu anteriormente.

O empenho do mesmo também pode ser visto através da iniciativa do pai em todas as ações aqui mencionadas. Esta disponibilidade é, portanto, vista como uma via de mão dupla. Ao mesmo tempo em que traz uma prospecção positiva para a relação pai-filho, ajuda também a promover sua transição para a parentalidade (Draper, 2002).

6 CONCLUSÕES

O planejamento ou não da gravidez não parece interferir no medo e insegurança do pai, pois mesmo aqueles que planejaram a gravidez apresentam sentimentos desta natureza e demonstraram engajar-se na vida do filho desde a gestação, demonstrando carinho e preocupação com o mesmo e com o ambiente que o cerca.

A gravidez da companheira traz mudanças de diversas ordens para o homem, principalmente na sua relação conjugal e nas prioridades de vida, incluindo maior atenção e união com a mulher, queda da intensidade sexual e mudança da imagem de mulher.

Tornar-se pai incita uma aproximação afetiva com a família de origem.

Diversas dúvidas surgem com a gravidez, que incluem sua capacidade de cuidar do bebê, como lidar com a instabilidade do comportamento da mulher, e atenção ao seu bem-estar, o que ocorreu em alguns casos.

Os sentimentos quanto ao tornar-se pai são positivos embora haja também uma mistura de sentimentos positivos e negativos. Isto pode ser explicado pela ambivalência inicial da notícia da gravidez.

O homem refere-se preparado para assumir a paternidade, embora haja uma representação de que esta função traz responsabilidade.

Questões referentes à sexualidade do casal, como a queda na intensidade e satisfação sexual, que em princípio poderiam abalar o relacionamento conjugal, não pareceu acarretar grande prejuízo na relação como um todo.

Constata-se que há, ainda, uma representação entre os homens do pai como provedor e modelo moral para o filho.

As preocupações do pai com o futuro referem-se principalmente a forma de cuidar do bebê e às transformações na relação conjugal o que demonstra o medo de modificações nessa esfera da vida privada.

Considera-se necessários estudos que avaliem pontualmente a interdependência da insatisfação conjugal com o engajamento do pai já na gravidez.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo contribuiu para a atenção à figura masculina no processo de gravidez, não nos moldes tradicionais de pai como apoio para a mãe, mas como alguém que vive uma transição importante do ciclo vital. Nesse sentido aponta-se para a realização de outras pesquisas que abordem o pai como sujeito e não mero coadjuvante da maternidade, já que se encontrou poucos estudos que pesquisassem as dificuldades e satisfações do pai com a gravidez.

O desejo inicial para esta pesquisa era comparar duas amostras de segmentos sociais distintos investigando as diferenças entre as camadas sociais. Ao contrário do que se pensava, a clientela participante do grupo oferecido pela maternidade não atendia aos padrões que possibilitassem uma comparação, já que não apresentava discrepâncias sociais suficientes para tanto. Acredita que isto se deveu ao fato de se tratar de um Hospital-Escola e como tal, atende universitários e funcionários da Universidade, além da comunidade em geral que confia nos seus serviços, o que dificultou o encontro de pessoas pertencentes às camadas populares, pelo menos no período em que a pesquisa foi realizada. Sem contar ainda com o fato de que o grupo de casais grávidos ocorrera em horário comercial, o que dificultava o acesso aos pais que não podiam ausentar-se do trabalho.

Pode-se hipotetizar, também, que o grau de escolaridade dos participantes teve ligação com a procura por grupos como aqueles oferecidos pelo hospital. A maioria dos homens considerava importante obter informações sobre a gravidez a fim de melhor atravessar esse momento.

Sugere-se, portanto, a realização de pesquisas como esta em diferentes camadas sociais a fim de comparar o envolvimento do homem na gravidez e assim, contribuir para o conhecimento no campo da paternidade. Também, considera-se de igual importância pesquisar como se dá este engajamento em famílias onde os pais da criança não vivem em regime de conjugalidade.

Outro aspecto importante a ser ressaltado é a sensibilização dos Serviços de Saúde para a inclusão do pai na atenção à saúde da criança, da mulher e que crie também um dispositivo que atente para a saúde do homem, para quem não existem serviços específicos de atenção, além da política de saúde do trabalhador que inclui homens mas também mulheres. Estes serviços, por sua vez podem incrementar a representação de pai provedor e não parecem se preocupar com o exercício da paternidade.

Desse modo, pensando na saúde da família como um todo, acredita-se que uma política de saúde deve extrapolar a atenção pré-natal, e, para ser adequada, levar em consideração a importância do pai, e assim a gravidez do casal, para que resulte num melhor vínculo pai, mãe e criança e promova o desenvolvimento de todos. A sanção de uma lei, no entanto, parece não ser suficiente para garantir a inclusão do pai, sendo necessário ações mais abrangentes, da ordem do macrossistema, inserindo-se práticas que influenciassem e propiciassem o maior engajamento do pai na gravidez. Alguns exemplos dessas ações seriam as políticas públicas, os sistemas de saúde e mesmo as situações de trabalho que colaborassem para resolver as incongruências como um grupo de casais grávidos em horário comercial.

É importante ressaltar a preocupação do pai com seus cuidados parentais depois do nascimento do bebê. Os homens apontam a necessidade de serem sensíveis e atentos ao bebê. Portanto, considera-se que há uma abertura do pai nesse sentido, o que possibilita a inclusão do mesmo, tanto por parte da mulher como dos serviços de saúde. O baixo índice de recusa da pesquisa, apenas um homem, pode ser um indicativo da disponibilidade do pai e da necessidade de ser ouvido.

Ressalta-se que os participantes desta pesquisa já demonstraram um interesse *a priori* sobre a gravidez e seu envolvimento com o bebê na medida em que se encontravam na lista de espera de um grupo que discutia esse tema. Acrescentam-se ainda a esta predisposição as ações autodidatas de alguns deles já que leram sobre o assunto, assistiram documentários e participaram de reuniões sobre o tema. Nesse sentido, considera-se importante também o estudo daqueles pais que não demonstram interesse a respeito do tema desde o princípio da gravidez como pôde ser constatado.

Atenta-se, porém, não só para a abertura das mulheres para a inserção do marido nos cuidados, mas também para a importância da valorização dos cuidados fornecidos pelo mesmo que certamente será diferente daquele designado pela esposa.

Os homens consideraram que houve mudanças positivas no relacionamento conjugal, intensificando o amor e sentimento de união com a mulher. A partir do conhecimento da queda de satisfação marital depois do nascimento, consideram-se importantes estudos longitudinais que reavaliem as condições psíquicas do pai e sua relação conjugal. Também se julga interessante a continuidade deste estudo para avaliar a satisfação e participação do pai após a gravidez.

A opção de se fazer uma pesquisa que ouvisse apenas o pai deu-se porque se considera essencial um espaço de escuta exclusivo ao mesmo. Tal atenção foi avaliada ainda mais importante a partir da realização de duas entrevistas nas quais a gestante participou. Nesses casos, percebeu-se a necessidade da mãe de falar sobre si própria e sobre as questões referentes à gravidez e puerpério, o que acabou interferindo na exposição do pai. Por isso, mesmo sendo uma pesquisa ecológica, optou-se por criar um contexto particular para os homens. Não se pode negligenciar a importância de se realizar pesquisas que incluam também as mulheres. Tendo em vista a vontade das mulheres em participar poder-se-ia pesquisar também o “casal grávido” em incursões ecológicas de diferentes combinações. A isto, acrescenta-se a importância da experiência do pesquisador a fim de que possa criar possibilidades de expressão para homem e mulher.

Por fim, ressalta-se o amplo campo de atuação para o profissional psicólogo, levando em conta as medidas de promoção à saúde para o pai e para a família como um todo. Esta atuação do profissional pode se direcionar para o acolhimento e sensibilização da gravidez para o casal, para o fornecimento de informações, e para a atenção às equipes de saúde, dentre várias outras.

REFERÊNCIAS

Amato, P. R. (1998). More Than Money? Men's Contribution to Their Children's Lives. In Booth, A., & Crouter, A. C. (Ed.), **Man In Families: When Do They Get Involved? What Difference Does It Make?** (pp. 241-278). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.

Anderson, A. M. (1996). Factor influencing the father-infant relationship. **Journal of Family Nursing**, 3 (2), 306-324.

Anderson, K.G., Kaplan, H., & Lancaster, J. (1999). Paternal Care by Genetic Fathers and Stepfathers I: Reports from Albuquerque Men. **Evolution and Human Behavior**, New York, 405-430.

Banster, P., Burman, Z., Parker, I., Taylor, R., & Tindall, C. (1996). **Qualitative methods in Psychology**. Philadelphia: Open University Press.

Barclay, L., & Lupton, D. (1999). The experiences of new fatherhood: a sócio-cultural analysis. **Journal of Advanced Nursing**, 29(4), 1013-1020.

Bardin, L. (1977). **Análise de conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes.

Belsky, J., Spanier, G., & Rovine, M. (1993). Stability and Change in Marriage Across the Transition to Parenthood. **Journal of Marriage and the Family**, 45, 553-566.

Belsky, J., & Russell, A.I. (1985). Marital and parent-child relationships in family of origin and marital change following the birth of a baby: A retrospective analysis. **Child Development**, 56, 342-349.

Benvenuti, P., Marchetti, G, Niccheri, C., & Pazzagli, A. (1995). The psychosis of fatherhood: A clinical study. **Psychopathology**, 28, 78-84.

Biasoli-Alves, Z.M.M. (1998). A pesquisa psicológica: A análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. **Diálogos Metodológicos sobre Prática de Pesquisa**. Ribeirão Preto. 135-157.

Bigras, M. & Paquette, D. (2000) L'Interdépendance Entre les Sous-systèmes Conjugal et Parental: Une Analyse Personne-Processus-Contexte. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília 16(2), 091-102.

Bolli A.C.B. (2002). **O envolvimento paterno com o bebê na gestação e aos doze meses de idade** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Bowen, M. (1979/1991). **De la família al individuo**. Buenos Aires: Paidós.

Bradt, J. O. (1995). Tornando-se pais: Famílias com filhos pequenos. In Carter, Elizabeth, & McGoldrick, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar**. (2. ed.). Porto Alegre: ARTMED.

Brazelton, T. (1988). **O desenvolvimento do apego: Uma família em formação**. Porto Alegre: Artes Médicas.

Brazelton, T. B., & Cramer, B. (1992). **As primeiras relações**. (Cipolla, M. B. Trad.). São Paulo: Martins Fontes.

Bronfenbrenner, U. (2002). **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas.

Bronfenbrenner, U. (1994). Ecological models of human Development. **International encyclopedia of Education**, 2, (2), Oxford.

Bronfenbrenner, U. & Ceci, S.J. (1994) Nature-Nurture Reconceptualized in **Developmental Perspective: A Bioecological Model**. **Psychological Review**, 101 (4), 568-586.

Bronfenbrenner, U. & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes. Em Damon, W. (Org.), **Handbook of child psychology**_(V.1, p. 993-1027). New York, NY: John Wiley & Sons.

Bronfenbrenner, U., & Evans, G. W. (2000). Developmental Science in the 21st Century: emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. **Social Development**, 9: 1, Oxford.

Bronstein, P. (1988). Marital and Parenting Roles in Transition: An Overview. In Bronstein, P., & Cowan, C. P. (Ed.), **Fatherhood Today: Men's Changing Role in the Family**. (pp. 03-09). New York: John Wiley & Sons.

Buist, A., Morse, C.A., & Durkin, S. (2003). Men's adjustment to fatherhood: implications for obstetric health care. **Clinical Research**, 32(2), 172-180.

Cabrera, N. J, Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood em the twenty-first century. **Child Development**, 71, 127-136.

Calatayud, F. J.M. (1991). La promocion de salud como problema de la psicologia em la atencion primaria. **Revista Cubana Medicina General Integral**, 7(4), 326-370.

Carter, B. & McGoldrick, M. (1995) **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar – Uma Estrutura para a Terapia Familiar**. (Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese) 2ª Ed. Porto Alegre: Artes Médicas.

Castoldi, L. (2002). **A construção da paternidade desde a gestação até o primeiro ano do bebê** Tese de Doutorado não publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Cervený, C.M.O.; Berthoud, C.M.E., & Cols. (1997). **Família e ciclo vital – Nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Corrêa, C. N. (2001). **A transição do casal para a parentalidade**. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Cowan, P.A. (1988). Becoming a father: A time of change, an opportunity for development. In Bronstein, P. E, & Cowan, C. P. (Ed.), **Fatherhood Today: Men's Changing Role in the Family**. (pp. 36-52). New York: John Wiley & Sons.

Cowan, P.A. (1991) Individual and family life transitions: a proposal for a new definition. In Cowan, P.A. & Hetherington, M. **Family Transitions**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Cowan, P.C., Cowan, P.A., Heming, G., & Miller, N.B. (1991). Becoming a family: Marriage, parenting, and child development. In Cowan, Phillip., & Hetherington, Mavis. **Family transitions** (pp 79-109). Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.

Cowan, P.A. & Hetherington, M.; (1991) **Family Transitions**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Crepaldi, M.A., Andreani, G., Ristoff, C.D., Hammes, P.S., & Abreu, S. (Manuscrito submetido à publicação). **A participação do pai nos cuidados à criança: a concepção das mães.**

Czeresnia, D., & Freitas, C.M. (2003) **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências**. Rio de Janeiro: Fiocruz.

Danna, M., F. & Matos, M. A. (1996). **Ensinando observação: uma introdução**. São Paulo: Edicon.

Dessen, M. A. (1997) Desenvolvimento familiar: transição de um sistema triádico para poliádico. Sociedade Brasileira de Psicologia. **Temas em Psicologia**, 3, 221-232.

Dessen, M. A., & Braz, M.P. (2000). Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 16(3), 221-231.

D'Oliveira, M. M. H. (1984). **Ciência e pesquisa em psicologia**. São Paulo: EPU.

Draper, J. (2002) 'It's the first scientific evidence': men's experience of pregnancy confirmation. **Issues and Innovations in Nursing Practice**, 39(6), 563-570.

Draper, J. (2003). Men's passage to fatherhood: an analysis of the contemporary relevance of transition theory. **Nursing Inquiry**, 10(1), 66-78.

Eagly, A. H., & Breaux, W. (1998). The origins of sex differences in human behavior. **American Psychologist**, 54, 408-423.

Ekstrom, A., Widstrom, A.N., & Nissen, E. N. (2003). Breastfeeding support from partners and grandmothers: perceptions of swedish women. **Birth**, 30(4), 261-266.

Flick, U. (2004). **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. (2. ed.). Porto Alegre: Bookman.

Gage, J. D., & Kirk, R. (2002). First-time fathers: Perceptions of preparedness for fatherhood. **Canadian Journal of Nursing Research**, 34(4), 15-24.

Ghiglione, R., & Matalon, B. (1993). **O inquirido: Teoria e prática**. Oeiras: Celta.

Goldstein, L. H., Diener, M. L., & Mangelsdorf, S. C. (1996). Maternal characteristics and social support across the transition to motherhood: Associations with maternal behavior. **Journal of Family Psychology**, 10(1), 60-71.

Grossi, M., Porto, R., & Tamanini, M. (2003). **Novas tecnologias reprodutivas concepitivas: Questões e desafios**. Brasília: Letras livres.

Henwood, K., & Procter, J. (2003). The 'good father': Reading men's accounts of paternal involvement during the transition to first-time fatherhood. **British Journal of Social Psychology**, 42, 337-355.

Huston, T. L., & Vangelisti, A. L. (1995). How Parenthood Affects Marriage. In Fitzpatrick, M. A., & Vangelisti, A. L. (Orgs.). **Explaining Family Interactions**. (pp. 147-176). Thousand Oaks: Sage Publications.

Klaus, M. H., & Kennel, J. H. (1993). **Pais/Bebê: A formação do apego**. Porto Alegre: ArtesMédicas.

Lamb, M. (1996). **The role of the father in child development**. (3. ed.). New York: Wiley & Sons.

Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). **Stress, appraisal and coping**. New York: Springer.

Levy-Shiff, R. (1994). Individual and Contextual Correlates of Marital Change Across the Transition to Parenthood. **Developmental Psychology**, 4(30), 591-601.

Levy-Shiff, R., & Israelashvili, R. (1988). Antecedents of fathering: Some further exploration. **Developmental Psychology**, 24 (3), 434-440.

Lewis, C. (1988). **Becoming a father**. Milton Keynes: Open University Press.

Lewis, C., & Dessen, M. A. (1999). O pai no contexto familiar. **Psicologia: teoria e pesquisa**, 15(1), 9-16.

Lewis, M., & Feiring, C. (1998). The child and its family. In Lewis, M., & Feiring, C. (Ed.). **Families, risks, and competence**. (pp. 05-29). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum.

Lewis, J.M. & Owen, M.T. (1995) Stability and change in family-of-origin: recollections over the first four years of parenthood. **Family Process**. 34:455-469.

Lilacs: www.bvsaude.org.br

Lyra, J. (1997) Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção. **Dissertação de Mestrado**. São Paulo: PUC/SP. 182p.

Maldonado, M. T. (1976. **Psicologia da gravidez, parto e puerpério**. Petrópolis: Vozes.

Maridaki-Kassotaki, K. (2000). Compreendendo a Paternidade na Grécia: O Envolvimento do pai no cuidado de bebês. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 16(3), 213-219.

Marks, M., & Simon, L. (1995). The role of the father in parental postnatal mental health. **British Journal of Medical Psychology**, 68, 157-168.

Mattar, F. M. 1995 Análise crítica dos estudos de estratificação sócio-econômica de ABA-Abipeme. **Revista de Administração**. 30(1)57-74.

Medline: www.msdonline.com.br

Menezes, C. C. (2001). **A relação conjugal na transição para a parentalidade: da gestação ao segundo ano de vida do bebê**, Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Minayo, M. C. S. (2000). **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. (2.ed.). São Paulo – Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco.

Minuchin, P. (1985). Families and individual development: provocations from the field of family therapy. **Child Development**, 56, 289-302.

Minuchin, S. (1982) Famílias: Funcionamento e Tratamento. Porto Alegre: Artes médicas.

Moreno, J. L. (1978) **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix.

Moscovici, S. (1981) On social representations. In J.P. Forgas (Org). **Social cognition perspectives on everyday understanding** (pp. 181-209). Londres: Academic Press.

Motta, C. C. L. (2003). **Quem acolhe esta mulher? Caracterização do apoio emocional à parturiente**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis.

Neder, G. (2000). Ajustando o foco das lentes: um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil. In Kaloustian, S. M. (Org.). **Família brasileira: a base de tudo** (pp. 26-46). São Paulo: Cortez.

Parke, R.D. (1986). **El papel del padre**. Madrid: Ediciones Morata, S.A.

Parke, R. S. (1996). **Fatherhood**. London: Harwad University Press.

Parke, R. D., Power, T.G. & Gottman, J (1979) Conceptualizing and quantifying influence patterns in the family triad. In M.E. Lamb, S.J. Suomi, & G.R. Stephenson (Eds), **Social interaction analysis: methodological issues** (pp: 231-252). Madison, WI: University of Wisconsin Press.

Parseval, G. D. (1986). **A parte do pai**. Porto Alegre: L&MP.

Pleck, J. H. (1996). Paternal involvement: levels, sources and consequences. In Michel Lamb. **The role of the father in child development**. (3. ed.). New York: Wiley & Sons.

Rapoport, A. (2003). **Da gestação ao primeiro ano de vida do bebê: Apoio social e ingresso na creche.** Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Raphael-Leff, J. (1997). **Gravidez: a história interior.** Porto Alegre: Artes Médicas.

Rauen, F. J. (1999). **Elementos de iniciação científica.** Rio do Sul: Nova Era.

Rezende, A.L.M., & Alonso, I.L.K. (1995). O perfil do pai cuidador. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, 5 (1/2), 68-81.

Rodrigues, M. M., & Trindade, Z.A. (1999). Em nome do pai e do filho: Relações afetivas e instrumentais. In Trindade, Z.A., & Borloti, E.B. **Pesquisa em Psicologia: recriando métodos** (pp. 125-138). Vitória: Universidade Federal de Espírito Santo.

Scielo: www.scielo.org

Serafim, D. (1999). Estudo das opiniões do pai sobre o aleitamento materno e sua participação neste processo. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, 9 (1), 9-19.

Silva, M.R.S. (2003) A construção de uma trajetória resiliente durante as primeiras etapas do desenvolvimento da criança: o papel da sensibilidade materna e do suporte social. **Tese de Doutorado** (Doutorado em Enfermagem, Saúde e Sociedade), Florianópolis: UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina.

Silveira, S.C. (2006). **A assistência ao parto na maternidade: representações sociais de profissionais de saúde e mulheres assistidas.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Silverstein L.B. & Auerbach, C.F. (1999) Deconstructing the essential father. **American Psychologist**, 54(6), 397-407.

Siqueira, M.J.T., Mendes, D, Finkler, I., Guedes, T., & Gonçalves, M. (2002). Profissionais e usuárias(os) adolescentes de quatro programas públicos de

atendimento pré-natal da região da grande Florianópolis: onde está o pai? **Estudos de Psicologia**, 7(1), 65-72.

Steinberg, S, Kruckman, L., & Steinberg, S. (2000). Reinventing fatherhood in Japan e Canada. **Social Science & Medicine**, 50, 1257-1272.

Szejer, M., & Stewart, R. (1997). **Nove meses na vida da mulher – Uma abordagem psicanalítica da gravidez e do nascimento**. (Benetti, M.N.B. Trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Trindade, Z. A., & Menandro, M.C. S. (2002). Pais adolescentes: Vivência e significação. **Estudos de Psicologia**, 7(1), 15-23.

Trindade, Z.A. (1993). As representações sociais e o cotidiano: a questão da maternidade e da paternidade. Brasília. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 9(3), 535-546.

Unbehaum, S.G. (2000). **Experiência masculina da paternidade nos anos 1990: Estudo de relações de gênero com homens de camadas médias**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

Vasconcelos, M.J.E. (2002). **O pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência**. Campinas: Papyrus.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. Gráfico referente à idade dos participantes	33
FIGURA 2. Gráfico referente à renda dos participantes.....	33
FIGURA 3. Gráfico referente à escolaridade dos participantes.....	34
FIGURA 4. Referente às profissões dos entrevistados	34
FIGURA 5. Gráfico referente às classes sociais obtidas através da escala ABIPEME	38

LISTA DETABELAS

TABELA 1. Apresentação geral dos núcleos temáticos e categorias de análise	41
TABELA 2. Frequência de ocorrência de categorias e subcategorias sobre o núcleo temático Planejamento da gravidez.....	42
TABELA 3. Frequência de ocorrência de categorias e subcategorias sobre o núcleo temático Mudanças trazidas pela gravidez.....	44
TABELA 4. Frequência de ocorrência de categorias e subcategorias, sobre o núcleo temático Família de origem.....	51
TABELA 5. Frequência de ocorrência de categorias e subcategorias concernentes ao núcleo temático Dúvidas durante a gravidez	54
TABELA 6. Frequência de ocorrência de categorias e subcategorias sobre o núcleo temático Participação do pai	57
TABELA 7. Frequência de ocorrência de categorias relativas ao tema Transição para a parentalidade	63
TABELA 8. Apresentação dos elementos concernentes às percepções e sentimentos dos participantes sobre o que é ser pai no momento atual de suas vidas.	65
TABELA 9. Apresentação dos elementos concernentes à representação de pai, mencionadas pelos participantes	67

APÊNDICE A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado Senhor:

Eu, Grace Andreani, aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), venho convidá-lo a participar do processo de coleta de dados de minha dissertação de Mestrado, sob orientação da Profa. Dra. Maria Aparecida Crepaldi.

Esta pesquisa, cujo título é **“O envolvimento do pai no processo de gravidez durante a transição para parentalidade”**, tem por objetivo verificar como o pai descreve seu envolvimento durante a primeira gravidez sua e de sua companheira.

A participação é voluntária e, caso aceite participar, solicito sua permissão para que possa utilizar as informações obtidas através de entrevista e da escala ABIPEME. A identificação pessoal será omitida no momento da divulgação dos resultados desta pesquisa.

Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e aceitar participar do estudo, solicito sua assinatura. Qualquer informação ou esclarecimento adicional poderá ser realizado junto à pesquisadora.

Eu _____,
declaro ter sido esclarecido sobre a pesquisa **“O envolvimento do pai no processo de gravidez durante a transição para parentalidade”**, e concordo que os dados sejam utilizados na realização desta.

Florianópolis, ____ de _____ de 2005.

Assinatura

APÊNDICE B

Roteiro de Entrevista

Nome:

Data de nascimento:

Profissão:

Escolaridade:

Renda aproximada:

Estado- civil:

Nome da companheira:

Idade da companheira:

Genograma da família nuclear reduzido:

História geral e sentimentos frente à gravidez:

I- Você poderia falar um pouco sobre sua história na sua família de origem? (convivência com as pessoas, relacionamento com os pais ou substitutos, irmãos, avós).

II – Eu gostaria que você contasse um pouco da sua história com sua companheira, como se conheceram, há quanto tempo, etc. (tempo de relacionamento, como é a relação, etc)

III - Como foi receber a notícia da gravidez? (foi planejada? Como você se sentiu nesse momento

IV- Como é para você estar se tornando pai neste momento da sua vida? (sentimentos gerais, significado para sua vida, etc.)

V- Você se sente preparado para ser pai? Em quais aspectos?

VI- Você acha que teve alguma alteração em relação aos sentimentos para com sua companheira em função da gravidez e também no comportamento dela? Por quê?

VII – Ao pensar no assunto da gravidez, que tipo de dúvidas vem a sua cabeça? Você as divide com sua companheira?

VIII - Você acha que esta experiência de paternidade modificou ou modificará sua vida em algum sentido? Qual?

IX – Você percebeu alguma alteração física e/ou emocional em você mesmo durante este período? Você considera que tal(is) alteração(ões) pode estar relacionada com a gravidez?

X- Durante este processo você tem pensado no seu relacionamento com sua família de origem? Quais são os principais sentimentos que surgem?

As ações do pai:

- I. Conte-me um pouco como é sua participação na gravidez, (atividades que realiza, o pai se inclui ou é incluído, como avalia essa participação)
- II. Você acha que suas contribuições nesse processo poderiam ser diferentes? Como?
- III. Você vai com sua companheira ao obstetra ? Por quê e como é a participação na consulta?
- IV. Você poderia falar a respeito do espaço físico destinado ao bebê? (se já conversaram sobre o assunto, se já providenciou ou colaborou para a construção deste espaço, como)
- V. Vocês mudaram algum hábito em função da gravidez? Como isso se deu? (Hábitos alimentares, atividades domésticas, alteração da rotina de trabalho)
- VI. Você considera que houve alguma alteração importante relacionada ao seu relacionamento conjugal?
- VII. Há mais alguma modificação ou sentimento que você julga importante em relação a esse assunto o qual você gostaria de expor?

Agradecimentos!

APÊNDICE C

ESCALA ABIPEME

Associação Brasileira dos Institutos de Pesquisa de Mercado

Dados de Classificação

A. Quem é o chefe da família na sua casa?

O próprio entrevistado
Outrem

B. Qual foi o grau de instrução mais alto que o chefe-de-família obteve? Qual o último ano de escola que esta pessoa cursou? _____

Categorias para a classificação

<i>Instrução</i>	<i>ABIPEME</i>
Analfabeto / Primário incompleto	0
Primário Completo / Ginásial Incompleto	5
Ginásial Completo / Colegial Incompleto	10
Colegial Completo / Superior Incompleto	15
Superior Completo	21

C. Na sua casa tem (cada item abaixo)?

	<i>Não</i>	<i>Sim</i>
Aparelho de vídeo cassete		10
Máquina de lavar roupa		8
Geladeira		7
Aspirador de pó		6

D. Quantos (cada item abaixo) existe em sua casa?

<i>Itens de posse</i>	<i>Não tem</i>	<i>1</i>	<i>2</i>	<i>3</i>	<i>4</i>	<i>5</i>	<i>Mais de 6</i>
Carro	0	4	9	13	18	22	26
Tv em cores	0	4	7	11	14	18	22
Banheiro	0	2	5	7	10	12	15
Empregada mensalista	0	5	11	16	21	26	32
Rádio	0	2	3	5	6	8	9

Total: _____

Classe sócio-econômica pelo total de pontos ABIPEME

Total: _____

A > ou = 89 C 35 a 58

B 59 a 88 D 20 a 34

E < ou = 19

APÊNDICE D

Protocolo do cálculo de acordo

<i>Frases</i>	<i>Categoria</i>	<i>Juíz 01</i>	<i>Juíz 02</i>
<p>“Dúvida sempre aparece...isso até me abalou um pouco assim estruturalmente, porque ela ficou bastante sensível, ela mudou bastante...de vez em quando ela chora, eu acho que estou prejudicando ela, mas daí eu descobri que é por causa da gravidez, eu vi que ela teve essas mudanças e foram bem fortes.”P- 05</p> <p>“...é bem cuidadosa, é bem presente, porque eu to sempre me preocupando com ela, eu penso no bem-estar dela, no bem-estar do meu filho...principalmente ta de bem com a vida. A gente sai para passear, ela sente vontades, eu procuro estar sempre fazendo as vontades dela para que ela se sinta bem.”</p> <p>Estamos construindo um quarto,...esta quase terminado, o quarto esta pintando, o berço montadinho. Não diretamente, mas sim acordar mais cedo para ir atrás do pedreiro, de sair do serviço para compara material.</p> <p>“Não perdi uma sessão, e o ultra-som que é uma coisa espetacular, te joga a atenção no processo verdadeiro que é a tua filha que está ali...é muito doido porque já dá para ver bem, daí assim, cai a ficha.” (P-11)</p> <p>“Faço por iniciativa minha mesmo, algumas vezes faço quando ela tem necessidade, claro, nada mais do que dizer e falar para gente saber e se ela não falar a gente não tem como descobrir.”</p> <p>“Eu não estou satisfeito. Tem muita coisa por fazer que eu não consigo...o fato de eu me sobrecarregar traz um empecilho, eu chego em casa de noite tropeçando nas pernas, caindo já. Ao vou tomar banho , daí a B pede um carinho, imagina ela ta carente, ela precisa, ai eu chego na cama me arrastando.” (P-13)</p> <p>“Significa assim uma responsabilidade enorme, um vínculo que tu tem com uma pessoa pelo resto da vida, de dar todo o trato para ele, inicial para que ele possa crescer e se desenvolver da melhor forma possível. Essa responsabilidade é emocional, educacional e emocional, e dialogo assim,...sempre fui muito amigão, muito paizão de estar trocando idéias.”</p> <p>“Eu acho que é a hora certa para mim...quando aconteceu foi muito legal, maravilhoso. Eu estou assim super tranqüilo, não sinto nenhum receio.” P-17</p> <p>“..eu faço minha agenda de forma que eu possa...eu fui em todas as consultas, pré-natal a gente participou de todos, a gente fez junto.”</p> <p>“A gente é super-unido, a gente vem de uma família onde se preza esse negocio de almoçar sempre junto, de ver os avós, em comunhão com os tios ...”</p>			

<i>Frases</i>	<i>Categoria</i>	<i>Juiz 01</i>	<i>Juiz 02</i>
<p>“Um pouco, quando vamos sair em algum lugar, em função da gravidez, a gente deixa de ir e vai para outro lugar... alimentar não muito, ela teve mais mudanças do que eu, ela ta cuidando da alimentação.”</p> <p>“Eu toco musica para ele ouvir, acaricio, sito os movimentos dele, sorrio, choro”</p> <p>“Eu não me sinto preparado. Eu acho que preparado, preparado pra ser pai eu acho que eu sou muito novo ainda. Mas na minha concepção eu acho que eu não estou preparado ainda. Aí isso aí só o dia-a-dia vai dizer”. P -19</p> <p>“Tenho, tenho sim,...era isso que estava passando na minha cabeça, eu estava deixando de ser filho para ser pai, voltou uma questão de gratidão de todo caminho. ...foi muito bacana conversar com os dois, ver o que está acontecendo, ver os meus pais envelhecendo que é uma coisa, pai e mãe já em outra fase...ai fizemos uma festa. Então eu tenho pensado muito na minha historia familiar, troquei e-mails inclusive com o meu irmão sobre isso, nossa estrutura familiar, o que o pai e mãe nos proporcionaram, foi uma choradeira...respeito é uma coisa que sempre teve lá em casa, acho que admiração, porque tu começa fazer o contexto da batalha, entender o que significa ter filho, acho que também é uma coisa ...entender o outro lado da relação, nem nasceu a G. e eu já entendi isso. E aí vem tudo junto assim, admiração, respeito, gratidão, amor mesmo, puxa vida, saudade.” (P-11)</p> <p>“Eu penso na reação dela depois que nascer...dizem que a mulher fica um pouco estressada, não quer nem ver o marido...a gente fica assim, o que é que vai ser a reação dela, como vai ser, se vai mudar a relação, se não vai...se vai mudar alguma coisa com relação aos sentimentos ou mudar o relacionamento.” P- 09</p> <p>“...operacionalmente eu não me sinto preparado. Eu tenho dificuldade de botar a cadeirinha no carro, trocar de lugar, de abrir o carrinho...mas eu me sinto preparado para ser pai no sentido maior, de fornecer condições que um ser humano precisa para se formar um adulto e depois ser uma pessoa de valor...eu incluo aí condições financeiras...condições principalmente de maturidade dos pais...Tem um aspecto que eu acho que passou da hora, que eu espero compensar com outras coisas que é a energia, energia física”. P- 11</p> <p>“Eu sou um cara mais amável, eu to sendo mais divertido, mais alegre, enfim, eu sempre ganho um sorriso.” (P-13)</p> <p>“Teve bastante dúvidas, mas a gente ta com médicos muito bons...mais sobre a fisiologia do bebê, e da J por consequência, mais no aspecto sexual que houve um choque”</p> <p>“Acho que o nosso relacionamento está mais forte...o sexo só que me é estranho...a frequência sexual diminui</p>			

<i>Frases</i>	<i>Categoria</i>	<i>Juiz 01</i>	<i>Juiz 02</i>
<p>um pouco. Não sei se é porque a gente vê a mulher com mãe...mistura entende, é como também fica limitado por causa da barriga...será que está incomodando, será...fica um negócio assim meio estranho...não tem nada haver com o corpo,...realmente eu acho que ela esta mais bonita assim...eu acho que é tipo a natureza dizendo, dá uma segurada nesse teu lado ai porque agora é mãe, agora tem que priorizar o outro lado.” (P-04)</p> <p>“Querida ver como é que funcionava o parto humanizado, eu fui lá, participei de reuniões para saber, e gostei muito...”</p> <p>“Ah foi um choque assim, porque eu não esperava né. Até que a gente acabou fazendo sem se cuidar mesmo, mas tanto eu quanto ela achávamos que ia demorar para engravidar...eu não sei porque a gente botou na cabeça que ia ser difícil.”</p> <p>“Acho que sim, eu não sei explicar exatamente no que...a vida esta bem diferente”</p> <p>“Eu me sinto bem e as vezes preocupado, acho que nós pais que não temos o filho dentro, nos preocupa mais quando ele vai sair. É uma sensação muito exótica, muito interessante, porque ela é que está sentindo tudo e ela simplesmente diz ‘arranha por dentro’ e aí vamos imaginar o que é arranhar por dentro.”P- 03</p> <p>“Tenho lembrado menos, eu ia lá, agora com ela grávida eu fico mais com ela, as vezes a gente ia lá visitar, ficava um dois dias, agora não, fico mais com ela e com a criança.”</p> <p>“Eu não sabia o que falar...como tinha 10%de chance de não ser, não beleza, tem 10% ainda.”</p> <p>“Vai mudar prioridades minhas...vai mudar a administração do meu tempo, vai mudar certamente a relação minha com a A. dentro de casa...mas a grande mudança mesmo é ter essa pessoa nova.”</p> <p>“Eu comia bastante, eu sentida todos os desejos que ela sentia, eu fiquei grávido, eu tinha desejos de coisas muito doidas.” (P-10)</p> <p>“O termo realizado cabe. Ter me realizado como homem, ter me realizado como marido, como pessoa, todas as facetas, em parte já sou pai, satisfeito, feliz, muito satisfeito, muito feliz.” P- 20</p> <p>A gente ta sempre conversando, assim sobre a gravidez, como vai ser depois, ...pra se ajudar, pra não da nenhum tipo de estresse entre o casal por causa da gravidez, por causa de cuidar do neném.</p> <p>“Não, porque foi assim sempre, sempre me veio na cabeça minha forma de criação, como eu fui criado. Mas isso foi uma coisa sempre constante, não é de agora. É claro algumas coisas que foram feitas para mim eu não quero fazer pros meus filhos,...então eu sempre pensei ah, eu faço isso porque minha mãe me educou assim, ou meu pai, essas coisas.”</p>			

APÊNDICE E

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)